



VISITA DA DELEGAÇÃO GOVERNAMENTAL CHINESA A COREIA — O 1º Ministro Chou En-Lai e outros membros da delegação governamental chinesa são calorosamente recebidos, quando em visita à cidade de Hamheung, na Coreia Oriental. A acompanhavam-nos o 1º Ministro coreano Kim Il Sung, o vice-primeiro Ministro e Ministro do Exterior Nam Il. (Foto da Agência TASS)

VOZ OPERÁRIA

N. 458 ☆ RIO DE JANEIRO, 15 DE MARÇO DE 1958

SOBRE O ULTERIOR DESENVOLVIMENTO DO REGIME COLCOSIANO E A REORGANIZAÇÃO DAS ESTAÇÕES DE MÁQUINAS E TRATORES

CAMPANHA NACIONAL CONTRA A AMERICAN CAN

Trabalhadores, Estudantes e Industriais Unidos em Defesa da Indústria Nacional — Iniciada a Campanha Nesta Cidade e em São Paulo — Novos Protestos Contra a Decisão da Sumoc (Texto na 8a. Página)

Resoluções do Pleno do C.C. do PCUS, realizado em Fevereiro último

PREÇO do Exemplar **3⁰⁰**

Relações Com os Países Socialistas:

JK Protela Uma Solução Exigida Por Todo o Povo
Leia na 3a. Página

CRISE NA ECONOMIA CAFEIEIRA

Treze Milhões de Sacas Estocadas Sem Perspectiva de Escoamento Imediato (Reportagem na Pág. Central)
Fortalecer a Unidade de Ação dos Trabalhadores (Editorial na 3a. Página)



GORKI E O POVO RUSSO — O povo soviético está comemorando, por todo o mês de março, o 90º Aniversário do nascimento do escritor proletário Máximo Gorki. Na foto, Gorki e Dimitrov, em 1935 (Texto na Página Central)

Metalúrgicos Paulistas — Uma Fôrça Destacada no Movimento Operário Brasileiro



Como surgiu o Sindicato de uma das maiores categorias profissionais de São Paulo — A tradição de lutas dos metalúrgicos por suas reivindicações e pelas liberdades democráticas — A organização é um fator decisivo (Texto na 5a. página)



Deputado Gianfrancesco Mazzilli, (à esquerda) que derrotou o candidato oficial, deputado Oliveira Brito (à direita), nas eleições para Presidente da Câmara Federal, para o ano legislativo de 1958 (Ver o Comentário Político na 3a. página)

Consolida-se a República Árabe Unida

Foi assinado a 8 do corrente em Damasco, capital da Síria, o ato de adesão do Iemen, à República Árabe Unida. Subscreveram o documento, em nome de seus países, o presidente Nasser e o príncipe Mohamed Seif Uj Sla el Badr. A população da República Árabe Unida ficou assim acrescida de mais 4.500.000 habitantes. O Iemen situa-se entre a Saudi-Arábia e o protetorado britânico de Aden.

A integração do Iemen na República Árabe Unida foi realizada sob a forma de uma federação entre as duas nações, a qual poderão aderir outros Estados Árabes, e que possivelmente chamar-se-á Países Árabes Unidos. Diz o documento firmado em Damasco que a nova federação «será constituída pela República Árabe Unida, o reino do Iemen e os países árabes que desejarem se juntar a esta união». Como se vê, o grau de integração não é tão completo quanto a fusão da Síria e do Egito em um só Estado. O sistema adotado, mais flexível, explica-se pela

diferença de regimes políticos ainda existente entre a R.A.U. e o Iemen. A República Árabe Unida é uma República laica, com a religião separada do Estado, ao passo que o Iemen é uma monarquia islâmica.

Na véspera da adesão do Iemen foi promulgada em Damasco a Constituição provisória da R. A. U. O país terá quatro vice-presidentes, sendo 2 sírios e 2 egípcios, e

30 ministros, dos quais 13 sírios e 17 egípcios.

Ao mesmo tempo que a República Árabe Unida assim se reforçava e consolidava, foi descoberta uma conspiração contra o Jovem Estado, ao que tudo indica orientada pelo rei Saud da Arábia Saudita e por Hussein, da Jordânia, e inspirada pelos Estados Unidos. Essa conspiração abortada foi sincronizada com provocações provenientes da

Tunísia, abertamente apoiadas por Bourguiba. Os agentes do Departamento de Estado norte-americano não descansam em seu afã de tentar minar a unidade árabe, apesar dos sucessivos fracassos que têm tido, o último dos quais foi o desmascaramento da manobra em que tentaram envolver o governo do Sudão, baseada em uma pretensa invasão das fronteiras desse país por tropas egípcias.

CONSPIRAÇÃO NO IRÃ INSPIRADA PELOS ESTADOS UNIDOS

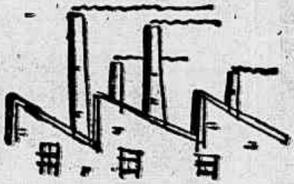
O governo iraniano descobriu recentemente uma conspiração organizada pelo próprio chefe de estado-maior, General Gharani, que foi preso juntamente com outras 30 personalidades. Segundo um comunicado oficial, essa conspiração foi insuflada "por um país estrangeiro". Esse país, não mencionado, seria, segun-

do fontes oficiais ouvidas pela agência United Press, os Estados Unidos. Essa informação foi depois confirmada em Beirute, capital do Líbano, por funcionários do ministério do Exterior.

O Irã, como membro do Pacto de Bagdad, participará um mês antes, juntamente com os Estados Unidos, de uma reunião do "Comitê do Pacto de Bagdad Contra a Subversão", nome dado a um dos organismos do referido bloco militar, especializado em provocações anti-soviéticas. Agora, por singular ironia, não são nem comunistas nem agentes soviéticos os "agentes subversivos" descobertos pelo governo do Irã. São, muito ao contrário, norte-americanos.

Já em meados do ano passado o diretor da organização

petrolífera estatal do Irã fóra assassinado por um agente norte-americano por estar tentando escapar à crescente dominação norte-americana sobre o petróleo do país, por meio de concessões a uma empresa italiana. Como se sabe, há cinco anos os Estados Unidos conseguiram introduzir-se no Irã por meio de uma conspiração, que derrubou o líder nacionalista Mossadegh. O petróleo, anteriormente 100% inglês, e depois nacionalizado por Mossadegh, passou então a ser repartido entre os Estados Unidos e a Inglaterra, graças a política subserviente do Xá Reza Pahlevi. No entanto, os trustes petrolíferos norte-americanos nunca se contentaram com a percentagem de 40% que lhes coube, e Foster Dulles, antes de dirigir-se à reunião do Pacto de Bagdad, esteve em Teheran discutindo o assunto. Parece que Dulles encontrou resistências, apesar do caráter do atual governo persa, inclusive no que se refere à instalação de bases para foguetes com cabeças nucleares. A conspiração abortada teria assim como objetivo fazer desaparecer essas resistências, entregando o governo a personalidades mais submissas.



PAPAGAIOS DIPLOMATICOS



Certos diplomatas e estadistas do Ocidente, sempre que se defrontam com as propostas da URSS pela paz, declaram, sem perda de tempo, que se trata de "propaganda". (Charge de Bajenov, publicada na "Pravda")

Declaração do Secretário Geral do Partido Comunista Sírio-Libanês Sobre a República Árabe Unida

O secretário-geral do Partido Comunista da Síria e do Líbano, Khaled Bagdash, em entrevista ao jornal tcheco Ru- de Pravo, fez as seguintes declarações sobre a constituição da República Árabe Unida:

«Relativamente a posição do nosso partido sobre o estabelecimento da República Árabe Unida, é natural que sejamos guiados pelos ensinamentos do marxismo-leninismo. A palavra-de-ordem da unidade das nações árabes na base da completa libertação do imperialismo e na base da democracia tem sido há muito uma das principais palavras-de-ordem do nosso partido. Quando se colocou na ordem do dia a questão da unificação da Síria e do Egito, o nosso partido apoiou essa idéia porque ela estava em harmonia com a política do nosso partido e correspondia ao desejo da unidade das nações árabes. Nosso partido divulgou abertamente seus pontos de vista sobre a forma que deveria tomar a unificação proposta de modo a que ela fosse construída firmemente, levando em conta a situação objetiva do Egito e da Síria e a que viesse a reforçar-se cada vez mais, defendendo a independência nacional e a democracia. Nosso partido apoiou o governo sírio, formado pela Frente Nacional, na qual estávamos representados. Nosso partido

apoiava igualmente em princípio a política do governo egípcio. Nosso partido lutará agora para que a interação dessas duas linhas políticas; fundidas em uma só, conduza ao desenvolvimento vitorioso da política árabe de libertação. Os comunistas sírios continuarão sua luta pelo reforço da independência dos países árabes, contra as intrigas incessantes do imperialismo norte-americano. Continuarão também suas lutas pelas liberdades democráticas e pelo melhoramento do nível material e cultural do povo, bem como pelo estreitamento da amizade com a União Soviética e com todos os países do campo socialista.»

REPÚBLICA ÁRABE UNIDA

Recebemos a seguinte comunicação:

A embaixada do Egito e a Legação da Síria apresentam seus cumprimentos e tem a honra de comunicar que, conforme o acordo assinado entre os dois Países e ratificado pelos Parlamentares do Egito e Síria em 1º de Fevereiro de 1958 e consagrado pelo plebiscito de 21 do corrente, as duas Missões unem-se a partir de hoje numa só Missão Diplomática com o nome de:

EMBAIXADA DA REPÚBLICA ÁRABE UNIDA

Os Consulados da Síria no Brasil também serão chamados

CONSULADO DA REPÚBLICA ÁRABE UNIDA

A lista dos endereços da Embaixada e de suas representações consulares no Brasil está anexa. Rio de Janeiro, 25 de Fevereiro de 1958

Crônica Internacional

Cambaleante a Ditadura Batista

Exatamente há seis anos Fulgencio Batista, apoiado e estimulado pelos imperialistas norte-americanos, derrubou, em um golpe de Estado, o governo constitucional do presidente Prío Socarrás, suspendeu as eleições e instituiu no país uma das mais odiosas ditaduras da América Latina. O golpe de Estado teve como objetivo principal barrar o impetuoso ascenso do movimento democrático e antiamericanista que se verificava no país. As liberdades democráticas foram suprimidas, o Partido Comunista de Cuba, que atuava legalmente, unido ao povo, foi posto na mais completa clandestinidade, dissolvido por Batista da mesma forma que os demais partidos políticos. Centenas de dirigentes políticos, líderes sindicais e personalidades representativas foram forçados a exilar-se. As prisões se encheram de presos políticos e a tortura e os assassinatos passaram a ser método rotineiro do governo para sufocar quaisquer resistências. Com a ditadura de Batista intensificou-se ainda mais a dominação e exploração do país pelo imperialismo norte-americano.

Desde então tem sido admirável e heróica a luta do povo cubano para a reconquista das liberdades democráticas. Nessa luta tem figurado em primeiro plano o proletariado, cujos constantes movimentos reivindicatórios e greves não têm permitido a Batista um instante de sossego, em seus seis anos de tirania. Destacaram-se também os estudantes, cujos atos de bravura têm provocado admiração em todo o mundo. Durante os dois últimos anos o conflito entre Batista e a mocidade estudantil aguçou-se extraordinariamente, e as prisões, torturas e assassinatos de líderes juvenis se sucederam num ritmo impressionante, comovendo a opinião pública internacional.

Há um ano foi o território de Cuba invadido por um pequeno grupo de rebeldes que, sob a direção de Fidel Castro, viveram um sistema de guerrilhas contra as quais têm-se revelado cada vez mais impotentes as forças de repressão mobilizadas por Batista. Os objetivos finais e as idéias políticas de Fidel Castro são conhecidos com pouca clareza e o fato de o dirigente da rebelião ter partido do território norte-americano, ao que parece sem grandes impecilhos, fez com que muitas das forças que se opõem a Batista o encarassem a princípio com certa desconfiança. O fato objetivo, no entanto, é que

em torno de Fidel Castro uniram-se outras correntes, ligadas pelo programa comum de restabelecer a legalidade constitucional e as liberdades democráticas. Fidel Castro passou a ser assim um símbolo da resistência do povo cubano à ditadura.

Agora revelam as agências de notícias que Batista viu-se forçado a suspender as comemorações do sexto aniversário do golpe de estado, em face da ameaça de uma greve geral em todo o país, convocada por Fidel Castro com o apoio das principais organizações populares e estudantis, e das principais forças políticas de oposição. Todas as escolas de Cuba foram fechadas por uma semana, a fim de impedir manifestações contra o governo. O Exército, a Marinha, a Aviação e a Polícia Nacional foram postos de prontidão, e Batista declarou que «está preparado para esmagar rapidamente qualquer perturbação da ordem».

Tudo isso são sintomas de fraqueza da ditadura, que sente fugir-lhe aos pés o solo em que se apoiava. A crescente resistência do povo cubano juntaram-se a influência da atual situação internacional e o exemplo da queda de outras ditaduras latino-americanas, como as de Pinilla na Colômbia e Jimenez na Venezuela. A ditadura cubana se sente insegura e com razão. Procura no entanto prolongar-se, através de medidas repressivas desesperadas. Intensifica-se ainda mais, com essas medidas, a contradição entre Batista e a maioria esmagadora do povo cubano, inclusive setores conservadores ou reacionários que preferem um regime constitucional a uma ditadura cujos dias estão contados. A própria Igreja Católica já manifestou sua simpatia por uma pacificação do país, através de um governo de conciliação nacional. E não será de estranhar-se se falar a Batista, a qualquer momento, o próprio apoio dos imperialistas norte-americanos, a cujas exigências já não pode atender com eficiência.

De qualquer maneira a queda de Batista será um fato positivo não só para o povo cubano como para toda a América Latina. Essa queda significará o restabelecimento, ainda que parcial, das liberdades democráticas, e criará condições para um mais rápido desenvolvimento do movimento democrático e antiamericanista, na população das Antilhas.

VOZ OPERÁRIA

Diretor-Responsável

Mário Alves

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 - Tel. 42-7344

ASSINATURAS:

Annual	150,00
Semestral	80,00
Trimestral	50,00
Mês. avulso	3,00
Núm. atrasado	5,00

Aenea ou sob registro, despesas à parte.

LEIA O

«CAVALEIRO DA ESPERANÇA»

(A vida de LUIZ CARLOS PRESTES)

escrita por JORGE AMADO

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Preço: Cr\$ 30,00

Editorial Vitória Limitada

Rua Juan Pablo Duarte 30 - Sobrado (Atendemos pelo reembolso postal)

FORTALECER A UNIDADE DE AÇÃO DOS TRABALHADORES

Foi convocada para os dias 28 e 29 deste mês, na Capital Federal, o Congresso Nacional dos Trabalhadores. Coube a iniciativa da convocação às confederações nacionais dos trabalhadores na indústria, no comércio e nos transportes. Dessa maneira ampliam-se as perspectivas de um conclave nacional dos trabalhadores, que antes se restringiam à realização de uma Conferência Sindical com a participação apenas de representantes de determinado número de Estados.

SEGUNDO a deliberação adotada pelas entidades promotoras do Congresso, três assuntos principais figurarão em sua ordem do dia: a lei de greve, a lei de previdência social e os problemas relacionados com o salário (salário mínimo, salário profissional, salário família e escala móvel de salário). Ao lado das questões que se ligam à defesa dos interesses nacionais, são estes sem dúvida os problemas que, presentemente, se colocam no centro das atenções do movimento sindical e, de modo geral, de todos os trabalhadores.

DE ACORDO ainda com o que decidiram os patrocinadores do Congresso, serão delegados com direito de voz e voto, em igualdade de condições, não só os representantes credenciados das federações junto às confederações nacionais, como também os trabalhadores que forem eleitos para o conclave pelas assembleias dos Sindicatos, em qualquer parte do país. Apesar do tempo limitado que resta para a realização das assembleias, essa decisão possibilita uma maior amplitude do certame, uma vez que dá margem à participação de um número mais expressivo de militantes operários e a refletir ainda mais profundamente e fielmente os anseios e interesses do proletariado brasileiro.

O CONGRESSO pode representar, e certamente representará, um importante passo à frente no sentido da unidade de ação da classe operária. Os trabalhadores, sobre cujas costas recaem as consequências das dificuldades econômicas em que se encontra o país e são a primeira vítima do processo inflacionário, compreendem com uma nitidez dia a dia maior a necessidade de unir as suas forças para a luta pelas suas legítimas reivindicações. O crescente custo de

vida e a queda incessante do padrão real não atingem apenas aos trabalhadores partidários de tal ou qual orientação política, de tal ou qual ideologia, mas a todos, indistintamente.

A aprovação de uma lei democrática reguladora do direito de greve, a existência de uma lei de previdência que afaste certos aspectos negativos do atual estatuto e estabeleça novos e mais justos direitos, a revisão dos níveis de salário mínimo, além de outras questões — tudo isso diz respeito a unanimidade da classe operária e não sómente aos trabalhadores que defendem determinados pontos-de-vista ideológicos ou políticos. Nada mais lógico portanto que, acima de quaisquer divergências secundárias, se unam os trabalhadores e suas entidades representativas — sindicatos, federações e confederações — na luta por direitos e reivindicações que são comuns a toda a classe. A unidade de ação é o caminho que tem a seguir o proletariado para ver vitoriosas as suas exigências, porque é esse o caminho que permite a reunião de suas forças porventura dispersas num exército único, poderoso e invencível.

OS COMUNISTAS são lutadores decididos e abnegados pela unidade de ação da classe operária. Essa sua posição é determinada pelo próprio fato de ser o Partido Comunista a vanguarda consciente do proletariado. Por isso mesmo, os comunistas apoiam com firmeza toda iniciativa que possa contribuir para fazer avançar a unidade de ação dos trabalhadores, fortalecer o movimento sindical e conduzir a classe operária à conquista de novos triunfos.

ESSE apoio, entretanto, não pode ser apenas formal, mas deve concretizar-se, diante de cada objetivo formulado, numa ação diária ampla e persistente, quer no seio das organizações sindicais, quer entre as grandes massas ainda não organizadas. Assim, o apoio dos comunistas ao próximo Congresso Nacional dos Trabalhadores deve traduzir-se, sem perda de tempo, num trabalho realmente unitário e de ampla envergadura, ao lado dos camaradas operários filiados a outros partidos ou tendências, a fim de que o Congresso alcance os objetivos que se propõe e dêe possa sair o movimento sindical ainda mais forte e mais atuante.

Comentário Político

SIGNIFICADO POLÍTICO DA ELEIÇÃO DA MESA DA CÂMARA

A RENOVAÇÃO da Mesa da Câmara dos Deputados foi feita em desacordo com o esquema traçado pela liderança da maioria. Em três cargos de importância, a presidência, a primeira-secretaria e a quarta-secretaria, uma parte das bancadas governistas desobedeceu à liderança, elegendo nomes apoiados pela oposição. Mas é preciso levar em conta que a substituição desses três nomes foi de iniciativa dos dissidentes do PSD encabeçados pela bancada paulista, que depois de se verem desprestigiados pelo governo é que entraram em entendimento com os oposicionistas.

Este é o sentido da eleição dos candidatos não-oficiais, srs. Batesnieri Mazzilli, José Bonifácio e Pedro Braga.

Confrontando-se os dois candidatos à presidência, o candidato oficial, sr. Oliveira Brilo e o candidato de dissidência sr. Kanieri Mazzilli, conclui-se que o eleito é mais democrático. De fato, o sr.

Mazzilli, funcionário da Fazenda com ligações conhecidas com os chamados «grupos ociosos», já se definiu como pacifista, em manifestações públicas. O outro, não Almirante o sr. Oliveira Brilo ex-chefe de Direção e ex-chefe de polícia, representa a força eleitoral de uma zona latifundiária da Bahia.

O sr. José Bonifácio é um udenista típico, irrequieto e golpista. Mas, ao que se afirma, sua eleição teve-se em grande parte à circunstância de se tratar de hábil cultivador de amizades pessoais. Enquanto cabava votos para si próprio, o sr. Bonifácio costumava dizer: «A Câmara não tem partidos, tem deputados e estes são meus amigos».

No caso do quarto-secretário, o candidato oficial era o sr. Nestor Pereira, integrista, que foi derrotado pelo sr. Pedro Braga por 150 votos a 67. O sr. Pedro Braga, que recentemente passou da ala anti-vitorista do PSD

Maranhão para a UDN, é um dos mais combativos elementos da Frente Parlamentar Nacionalista. Em seu favor atuou esta circunstância de pertencer a um grupo de renomeadas do fascismo.

Acredita-se que a reforma sofrida pela liderança do governo contribua para que sejam modificados os métodos de trabalho do governo junto às bancadas parlamentares que compõem o Congresso. Esses métodos, segundo as queixas, têm sido o menos-praticas do papel dos congressistas, delegados no povo e representantes de correntes partidárias que constituem a estrutura política do país.

Depois da eleição da nova Mesa muitos deputados comentavam que hoje os tempos estão mudados e que não se pode governar apenas através do controle da distribuição de favores do Executivo Federal aos Estados e em última instância as diversas zonas eleitorais. Os congressistas querem ser ouvidos dentro dos partidos e também no âmbito do Palácio Tiradentes.



Relações Com Os Países Socialistas

J. K. Protela Uma Solução Exigida Por Todo o Povo

A ampliação do comércio exterior do Brasil através da conquista de novos mercados, em particular dos mercados da União Soviética, da China Popular e de outros países socialistas, se apresenta hoje como uma medida inadiável, resultante da própria conjuntura política e econômica por que atravessa o país.

Se o estabelecimento de relações comerciais normais entre o Brasil e a União Soviética não pode ser apresentado como uma solução para todos os nossos problemas atuais, é impossível negar-se, no entanto, que tal medida traria os mais salutares resultados para a economia brasileira e muito contribuiria para a sua estabilidade e o

seu mais rápido desenvolvimento.

País exportador de produtos primários, tem o Brasil o seu desenvolvimento condicionado em grande parte à sua capacidade de importar bens de produção destinados a apressar o processo de industrialização em curso no país. O comércio exterior do Brasil, porém, há decênios se orienta de maneira profundamente unilateral, uma vez que quase metade de nossos negócios com o exterior são realizados dentro da área do dólar, em particular com os Estados Unidos, nossos maiores compradores e vendedores. Desta forma a estabilidade da economia brasileira está sempre na dependência da estabilidade

da economia dos Estados Unidos. Esta realidade estamos sentindo mais de perto nestes últimos meses quando se acentuou a depressão naquele país, cujos reflexos negativos sobre a economia brasileira começam a produzir os seus efeitos e a preocupar os círculos econômicos e financeiros do país.

Rompendo as cadeias impostas pelos negócios realizados dentro da área do dólar e multiplicando nossos acordos bilaterais com diversos países, conseguiríamos relativo desalôgo para as dificuldades atuais e aumentariamos substancialmente nossa capacidade de importar os bens de produção de que necessitamos.

A conquista de novos mercados, representados por aqueles países socialistas que englobam quase metade da população mundial, significaria maiores possibilidades de escoamento normal de nossa produção exportável de café, cacau, algodão, sisal, açúcar, couros, minérios, tecidos e tantos outros produtos que compõem a pauta tradicional das exportações brasileiras. Não apenas isto. O comércio normal do Brasil com aqueles países determinaria o incremento da produção nacional, inclusive de produtos que hoje têm pequena significação no volume global de nossas vendas no exterior. Seria, assim, um fator importante de diversificação de nossa exportação,

libertando o país das constantes dificuldades em que é mergulhado pelo fato de assentar o seu comércio exterior em três produtos essenciais — café, algodão e cacau — que contribuem com mais de 70% de nossas receitas cambiais, além do fato de estabelecer um clima de competição entre os nossos compradores e possibilitar melhores preços para nossas mercadorias.

Todas estas verdades, de uma clareza meridiana, ganharam a consciência da maioria da nação, determinando esse poderoso movimento popular que se estende por todo o país, em favor do estabelecimento daquelas relações. Ainda a semana pas-

sada, falando a jornalistas estrangeiros, o sr. José Maria Alkmin reafirmou o seu ponto de vista favorável às relações normais entre o Brasil e a União Soviética, declarando que o Brasil está disposto a vender os seus produtos a quem os queira comprar, tanto assim que já autorizara a venda de 100 mil sacas de café à União Soviética.

As palavras do Ministro da Fazenda expressam o pensamento da maioria da nação. O que é de se estranhar é o fato do sr. Juscelino Kubitschek continuar a se omitir em questão tão importante, protelando indefinidamente a solução positiva para o caso exigida por todo o povo.

Sobre o Ulterior Desenvolvimento do Regime Colcosiano e a Reorganização das Estações de Máquinas e Tratores

RESOLUÇÕES DO PLENO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA, SOBRE O INFORME DE N. S. KRUSCHIOV, APROVADO EM 26 FEV 1958

A base da discussão do informe apresentado por N. S. Kruschiov, o Pleno do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética aprovou, na reunião de 26 de fevereiro passado, uma resolução "Sobre o ulterior desenvolvimento do regime colcosiano e a reorganização das Estações de Máquinas e Tratores".

Damos a seguir a íntegra do referido documento:

«O Pleno do Comitê Central do PCUS assinala que, como resultado da consequente aplicação das históricas resoluções do XX Congresso do PCUS, o povo soviético, sob a direção do Partido Comunista, conseguiu nos últimos anos novos grandes êxitos no desenvolvimento de todos os ramos da economia e da cultura socialista, na causa do ulterior ascenso do bem estar dos trabalhadores.

A nossa indústria socialista, e em primeiro lugar a indústria pesada, que constitui a base de toda a economia nacional, marcha para a frente, como antes. Nos dois anos decorridos após o XX Congresso do Partido, a produção de artigos industriais se elevou em 22%. A renda nacional nesse período cresceu em 18% e a receita real dos operários e empregados, segundo o número das pessoas que trabalham elevou-se em 10%. A remodelação na direção da indústria possibilita a consequente realização e o desenvolvimento criador do princípio leninista do centralismo democrático na construção econômica, eleva ainda mais o papel das repúblicas federadas, das organizações locais do Partido, dos órgãos dos Soviets e dos sindicatos na direção das empresas e construções atraí novos milhões de operários e empregados para a direção da produção, cria condições para um ascenso ainda mais rápido da economia socialista.

Juntamente com o crescimento da indústria, se desenvolve com êxito a agricultura socialista. A luta de todo o povo pelo vertical ascenso da agricultura, que se desenvolveu depois do Pleno de Setembro do CC do PCUS, conduziu a uma considerável elevação da produção de produtos agrícolas e da pecuária, significou o início de uma nova etapa no desenvolvimento do regime colcosiano. A assimilação de grandes áreas de terras virgens e devolutas nas regiões orientais do país ampliou em muito a base de cereais, possibilitou elevar-se nos últimos quatro anos a colheita bruta de cereais no país em 27%, em comparação com os quatro anos anteriores. Cresceu a produção de beterraba açucareira, de algodão, de linho, de batata, de verduras e de outros cultivos agrícolas.

SUPERADO O ATRASO DA PECUÁRIA

Através de persistentes esforços do Partido e do povo, foi superado o longo atraso da pecuária. No período de 1953 a 1957 o rebanho do gado vacum elevou-se em 10,9 milhões de cabeças; de suínos em 11 milhões, de caprinos, em mais de 20 milhões; a produção de carne, na base do crescimento do rebanho, elevou-se em 38%, sendo que nos colcoses e sovcoses elevou-se quase em 80%; a produção de leite em 50%, sendo que nos colcoses e sovcoses elevou-se em quase duas vezes. A tarefa apresentada pelo Pleno do CC do PCUS de abril de 1955, sobre a elevação da produção de leite de vaca nos colcoses e, sobre a elevação das reservas de leite no decorrer de seis anos, foi cumprida antecipadamente, em três anos. Desenvolve-se com êxito no país, o movimento iniciado pelos colcoses e sovcoses de vanguarda para alcançar nos próximos anos os Estados Unidos na produção de carne, leite e manteiga «per capita».

Na bases do ascenso da economia colcosiana, crescem as receitas dos colcoses, elevam-se seus fundos indivisíveis e aumenta o pagamento das jornadas de trabalho dos colcosianos. Os fundos indivisíveis dos colcoses elevaram-se de 63,1 bilhões de rublos em princípios de 1953 para 98,6 bilhões de rublos em princípios de 1957. As receitas em espécie e em dinheiro dos colcosianos, oriundas da economia social e individual, segundo o cálculo por pessoa que trabalha, elevaram-se em 1957, em relação a 1953, em 33%, na base de preços comparativos.

ELEVÇÃO DO NÍVEL TÉCNICO DA AGRICULTURA

Enorme papel no que diz respeito ao ascenso da agricultura foi desempenhado pelo fortalecimento da base técnico-material dos colcoses, das EMT e dos sovcoses. O aperfeiçoamento na agricultura com tratores, máquinas combinadas, caminhões e outras máquinas modernas, ampliou-se em uma e meia a duas vezes, em comparação com os quatro anos anteriores. Nos últimos quatro anos a agricultura recebeu 908 mil tratores, 293 mil máquinas combinadas para cereais, 143 mil combinadas colhedoras ensacadoras e colhedoras de milho, e 467 mil caminhões. A elevação do nível do aperfeiçoamento técnico da produção agrícola, o aumento de quadros qualificados nos colcoses, EMT e sovcoses criaram premissas reais para um maior ascenso da agricultura num futuro próximo.

O Partido enviou para o trabalho de direção dos colcoses alguns milhares de comunistas funcionários do Partido e dos Soviets, engenheiros das empresas industriais, agrônomos, zootécnicos e outros especialistas. No início de 1957 havia, na composição dos presidentes de colcoses, mais de 90% de comunistas, mais de 1/3 dos presidentes dos colcoses tinham instrução média especial e instrução superior e surgiram notáveis quadros de organizadores de talento da produção colcosiana que se destacaram entre os práticos. Cresceram e se fortaleceram as organizações partidárias de base dos colcoses. Existem agora, nos colcoses, organizadores capazes e especialistas qualificados que utilizam, de maneira sábia,

as reservas e possibilidades locais para a elevação da produção de produtos agrícolas.

Nas condições atuais se elevou a um novo e mais alto nível a economia social nos colcoses. A nova etapa no desenvolvimento do regime colcosiano se caracteriza pelo fato de que os grandes colcoses que foram unificados, nos últimos anos se tornaram mais fortes, com maior número de setores de atividade, com economias tecnicamente apetrechadas, dispondo de numerosos quadros qualificados, elevaram consideravelmente suas receitas e aumentou o bem estar dos colcosianos. O crescimento do interesse material dos colcosianos, a introdução de novas normas de planificação, a concessão do direito aos colcosianos de introduzir modificações no Estatuto do Artel Agrícola tendo em conta as condições locais, — tudo isto desenvolveu a iniciativa criadora dos colcosianos, elevou sua capacidade de trabalho, reforçou o cuidado sobre a melhor utilização da terra e da técnica e de todas as reservas da produção colcosiana. Os quadros colcosianos acumularam grande experiência na administração da grande economia social com o emprego da nova técnica e das conquistas da ciência.

Enorme papel foi desempenhado pelas Estações de Máquinas e Tratores na criação e fortalecimento do regime colcosiano, no apetrechamento técnico da agricultura, no fortalecimento da aliança da classe operária com o campesinato. Na primeira etapa da construção do regime colcosiano o Partido encontrou nas Estações de Máquinas e Tratores a forma mais conveniente, para aquele tempo, de ajuda estatal aos colcoses para o fortalecimento de sua economia social.

As EMT foram a grande força política e organizadora, em torno da qual os camponeses se uniram nos colcoses e se convenceram das vantagens da grande agricultura mecanizada. Através das EMT se introduziu o progresso técnico na agricultura e seu reequipamento sobre a base de uma nova técnica, da preparação de quadros qualificados, e assim a elevação da agricultura e da pecuária. O enorme significado das Estações de Máquinas e Tratores consiste em que elas foram uma importante fonte para o fornecimento do trigo e de outros produtos de alimentação e também de matéria prima para a indústria. Nos últimos anos, as EMT foram a grande força organizadora na luta pela liquidação do atraso em alguns ramos da produção agrícola, na realização das decisões adotadas pelo partido sobre as questões da agricultura.

Nas condições atuais, quando os colcoses, em sua maioria, fortaleceram-se no sentido econômico-organizativo, quando a economia dos colcoses elevou-se consideravelmente, a forma existente de assistência técnica e de produção aos colcoses através das EMT deixou de corresponder às exigências do desenvolvimento das forças produtivas na agricultura. Além do mais, em muitos casos essa forma de assistência começa a frear o ulterior ascenso dos colcoses de vanguarda, tolher a iniciativa dos quadros colcosianos e de todos os colcosianos quanto à melhor utilização das reservas da produção colcosiana. Manifestam-se, em grau cada vez mais alto todas as consequências negativas daquela situação quando numa mesma terra a economia é dirigida por duas empresas socialistas — os colcoses e as EMT, o que frequentemente gera a falta de responsabilidade na organização da produção, diminui a responsabilidade pelo aumento das colheitas, e provoca grandes e desnecessários gastos na manutenção do aparelho de direção paralelamente existente. Em tal situação, nas Estações de Máquinas e Tratores acumula-se uma grande quantidade de técnica desnecessária para elas, utilizam-se impro-
ativamente as máquinas.

VENDAS DAS MÁQUINAS AOS COLCOSES

O Pleno do CC do PCUS considera que, no interesse do ulterior ascenso da agricultura socialista do país e do desenvolvimento do regime colcosiano é conveniente modificar o regime existente de assistência técnica e de produção aos colcoses e gradualmente reorganizar as Estações de Máquinas e Tratores as quais, tendo desempenhado um grande e positivo papel, já em muito perderam suas funções principais. Agora, quando a maioria dos colcoses está em condições de adquirir a justa e mais produtivamente utilizar os tratores, as máquinas combinadas e outras máquinas agrícolas, é conveniente passar à venda destas máquinas diretamente aos colcoses. Isto permite utilizar de maneira consideravelmente melhor a técnica moderna, acelerar o progresso técnico na agricultura, elevar a produtividade do trabalho, aumentar a produção global e mercantil em cada cem hectares de terra e baixar seu preço de custo.

As Estações de Máquinas e Tratores devem ser reorganizadas em diferentes prazos, tendo em conta as particularidades das regiões e dos colcoses, transformando-se em estações técnicas e de reparação (ETR), para assegurar a reparação dos tratores e de outras máquinas, para dar assistência técnica aos colcoses, fornecer aos colcoses e sovcoses (mediante a venda), nova técnica, acessórios, combustível, adubos, inseticidas e venenos químicos e outros materiais. Naquelas regiões onde nem todos os colcoses têm a possibilidade de adquirir tratores e outras máquinas, mas principalmente, não podem utilizar corretamente esta técnica, deve ser mantida temporariamente o regime de assistência técnica e de produção a tais colcoses através da EMT.

A venda de tratores e de outras máquinas agrícolas aos colcoses e a reorganização das EMT reforçarão as ligações econômicas diretas entre a indústria e a agricultura, fortalecerão ainda mais a aliança da classe operária e do campesinato, elevarão a economia dos colcoses, contribuirão para uma melhor utilização pelos colcoses da terra para sempre pertencente a todo o povo. Nesta base se elevarão os fundos indivisíveis, se ampliarão as relações entre os colcoses, o que

será uma condição importante para o fortalecimento e o desenvolvimento da propriedade colcosiana, e se tornará possível a sua elevação até o nível da propriedade de todo o povo.

ESTÍMULO A INICIATIVA DAS MASSAS

As medidas indicadas para o ulterior desenvolvimento do regime colcosiano e a reorganização das Estações de Máquinas e Tratores são parte integrante do trabalho realizado pelo Partido para o aperfeiçoamento e melhoramento da direção da economia nacional. Como resultado da realização destas medidas a direção da economia nacional será colocada num novo nível, ainda mais elevado. A reorganização das EMT, como também a reestruturação da direção da indústria e da construção, ultimamente realizada, assegurarão o aproveitamento ao máximo das vantagens do sistema socialista de economia e das reservas da produção, facilitarão o ulterior desenvolvimento da iniciativa criadora e da atividade das massas, acelerarão o movimento ascendente da sociedade soviética pelo caminho do comunismo.

O Pleno do CC do PCUS considera que as medidas indicadas para o ulterior desenvolvimento do regime colcosiano e a reorganização das Estações de Máquinas e Tratores, têm uma significação vital para a agricultura socialista e para todo o nosso país. Depois da coletivização da agricultura, realizada sobre a base do genial plano leninista de cooperação, a aplicação dessas medidas será um novo e grande passo, excepcionalmente importante no desenvolvimento da agricultura socialista.

Partindo disso, o Pleno do Comitê Central do PCUS resolve:

1 — Reconhecer como justas e oportunas as propostas do Presidium do CC do PCUS sobre o ulterior desenvolvimento do regime colcosiano e a reorganização das Estações de Máquinas e Tratores, orientadas para o cumprimento das decisões do XX Congresso do Partido sobre as questões da agricultura.

2 — Tendo em conta o significado estatal excepcionalmente importante da questão sobre o ulterior desenvolvimento do regime colcosiano e da reorganização das Estações de Máquinas e Tratores, incluí-la para exame na próxima sessão do Soviet Supremo da URSS. Confirmar a indicação como informante sobre esta questão na sessão do Soviet Supremo da URSS, do primeiro secretário do CC do PCUS, camarada N. S. Kruschiov.

Reconhecer como conveniente, até que a questão seja examinada na sessão do Soviet Supremo, a realização de uma discussão, por todo o povo, das medidas traçadas, nas assembleias gerais dos colcoses, EMT e sovcoses, nas empresas industriais e construções, nas entidades científicas e estabelecimentos de ensino, nas unidades militares e instituições e nas páginas dos jornais e revistas.

Aprovar as teses do informe do camarada N. S. Kruschiov «Sobre o ulterior desenvolvimento do regime colcosiano e a reorganização das Estações de Máquinas e Tratores» e divulgá-las para a discussão pública.

AMPLO ESCLARECIMENTO AO POVO

3 — Os CC dos Partidos Comunistas das Repúblicas Federadas, os Comitês territoriais, regionais, urbanos, distritais e as Organizações de Base do Partido são obrigadas a explicar amplamente o significado das medidas indicadas e organizar em todos os locais a discussão pública das teses. Os órgãos do Partido e dos Soviets devem estudar atentamente e generalizar todas as propostas dos trabalhadores, para com isso encontrar as formas de organização mais perfeitas e convenientes de reorganização da assistência técnica e material aos colcoses, no interesse do ulterior desenvolvimento do regime colcosiano, para a criação da fatura de produtos agrícolas no país.

No decorrer da discussão pública, as organizações do Partido, dos soviets, sindicais e do Komsomol devem orientar a energia criadora e a atividade de todos os trabalhadores para o cumprimento e superação dos planos estatais, mobilizar os esforços dos colcosianos e colcosianas, dos trabalhadores das EMT e dos sovcoses, para a realização com êxito da semeadura de primavera em cada colcos e sovcos, para o cumprimento dos compromissos quanto à elevação da produção agrícola.

4 — Encarregar os órgãos do Partido e dos soviets das Repúblicas Federadas e autônomas, dos territórios e regiões, sobre a base de um profundo estudo da economia de determinadas regiões e de colcoses, de especificar quais os colcoses, que, segundo suas possibilidades econômicas, estão em condições este ano de comprar tratores e outras máquinas e utilizá-las de maneira econômica, quais os colcoses que precisam de um prazo mais longo para a aquisição da técnica e para quais colcoses é conveniente conservar, temporariamente, a assistência técnica e material existente através das EMT.

CONGRESSO DOS COLCOSIANOS

5 — Considerar conveniente a realização, no começo de 1959, do Terceiro Congresso dos Colcosianos de toda a URSS para o exame dos problemas já maduros, da construção colcosiana e da introdução das modificações necessárias ao Estatuto do Artel Agrícola.

O Pleno do Comitê Central do PCUS expressa sua firme confiança em que os colcosianos e colcosianas, os trabalhadores das EMT e dos sovcoses e todos os trabalhadores do nosso país, tomarão parte ativa na discussão pública e na realização prática das medidas sobre o ulterior desenvolvimento do regime colcosiano e para um novo ascenso da agricultura socialista. O novo ascenso da agricultura, dirigido pelo Partido Comunista, será mais uma importante vitória de nosso país na emulação econômica pacífica do socialismo e do capitalismo, na solução das tarefas de edificação do comunismo.

Metalúrgicos Paulistas — Fôrça Destacada Do Movimento Operário Brasileiro

COMO SURTIU O SINDICATO DE UMA DAS MAIORES CATEGORIAS PROFISSIONAIS DE S. PAULO. — A TRADIÇÃO DE LUTAS DOS METALÚRGICOS POR SUAS REIVINDICAÇÕES E PELAS LIBERDADES DEMOCRATICAS — A ORGANIZAÇÃO É UM FATOR DECISIVO

Os metalúrgicos de São Paulo impuseram-se à admiração de todo o proletariado brasileiro e de amplos setores de nossa população, pela combatividade e firmeza com que vêm lutando, nos últimos anos, em defesa de suas reivindicações. Na grandiosa greve de outubro de 1953 e, mais recentemente, no movimento grevista que paralisou cerca de um milhão de trabalhadores paulistas, no ano passado, destacaram-se os operários das indústrias metalúrgicas, ao lado de seus companheiros têxteis, gráficos e de numerosas outras corporações profissionais.

Em todas as suas lutas, como fator decisivo para as importantes vitórias já alcançadas até agora, têm os metalúrgicos paulistas o seu sindicato de classe. Vejamos alguma coisa da história desse Sindicato.

COMO SURTIU O SINDICATO DOS METALÚRGICOS PAULISTAS

O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo nasceu da iniciativa de dois grupos de abnegados trabalhadores: um do bairro do Biaz e outro do bairro de Água Branca (capital de São Paulo).

De início, suas instalações eram bastante modestas e ali se reunia um número reduzido de operários. Atualmente, possui o Sindicato uma sede própria no centro da cidade, um belo edifício de sete andares, onde já se realizaram algumas das mais importantes reuniões intersindicais do proletariado paulista e, há um mês atrás, a primeira conferência inter-estadual de dirigentes sindicais.

Cabe a essa organização sindical representar nada menos de 140 mil operários metalúrgicos (em todo o Estado o número total é de 240 mil trabalhadores). No último dia de janeiro deste ano, revelava a carteira sindical que o número de sócios já atingia a elevada cifra de 60.084. E todos os dias, novos sócios afluem.

Enquanto até 1940 existiam apenas pouco mais de mil associados, e de 1940 a 1945 ingressavam no Sindicato mais seis mil, assistiu-se após o ano da redemocratização do país, com a vitória das forças democráticas sobre o nazifascismo, um afluxo de trabalhadores para as organizações sindicais. Assim, de 1945 a 1955, houve um afluxo de quase 40 mil novos sócios no Sindicato

dos Metalúrgicos.

UMA DAS MAIORES CATEGORIAS PROFISSIONAIS

Um dos pilares da economia nacional que vem tendo ampla expansão nestes últimos anos é justamente o da metalurgia. A indústria metalúrgica, mecânica e de material elétrico encontrou na capital de São Paulo, em particular, enorme desenvolvimento. Existem hoje, entre grandes e pequenas empresas, cerca de 5 mil firmas. Algumas delas, como a Arno Motores S. A., Elevadores Atlas e Phillips do Bra-



Aula de corte e costura, um dos empreendimentos do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, através do seu Departamento Feminino

sil, empregam quase dois mil operários (respectivamente: 1.998, 1.953 e 1.700 trabalhadores).

Com mais de mil operários, encontram-se a Ind. Eletro Met. Lorenzetti, Manoel Ambrozio Filhos, Metalúrgica Paulista, Souza Noschese Ind.

— e Comércio e Siderúrgica J. Aliperti. E com mais de 800 operários, estão a Ford Motor Co., a Fábrica de Bicycletas Monark e a Eletro Indústria W. Ita. Centenas de empresas possuem de 100 até 800 operários e milhares de outras, de 100 operários para baixo.

É interessante assinalar que é ainda pequeno o número de mulheres empregadas nesse ramo industrial, devido à própria natureza do serviço. A maioria das operárias está nas empresas de material elétrico, onde predomina a fabricação de artigos leves.

É INTENSA A VIDA INTERNA NO SINDICATO

Na sede do Sindicato dos Metalúrgicos paulistas, desenvolve-se uma intensa vida interna, todos os dias. Suas diretorias têm-se preocupado em satisfazer as necessidades associativas de seus filiados e lutar em defesa de seus interesses. Para isso, funcionam vários departamentos e é as-

2.476.000,00 com essa assistência.

Isso é natural, pois com o desenvolvimento do capitalismo no país, aumenta também a exploração dos operários, as perseguições, dispensa de operários e redução de salários. Muitos direitos estabelecidos na Consolidação das Leis do Trabalho são burlados

— a estabilidade férias, aviso prévio e outros. Por outro lado, é grande a combatividade dos trabalhadores metalúrgicos, que procuram seu sindicato, na defesa de seus direitos ameaçados.

Essa a razão do número muito elevado de processos que através do Sindicato são encaminhados à Justiça do Trabalho, a fim de decidir questões pendentes entre operários e patrões. De 1952 a 1956, um total de 316.302 processos referentes a queixas, protestos, reclamações etc. foram dessa forma entregues à Justiça.

É curioso que, se compararmos esse número elevado com o número de associados do sindicato, verificamos que em determinados anos, houve uma média de 1 processo e meio por trabalhador metalúrgico, na capital de São Paulo.

Sobe a milhares o número de dissídios resolvidos entre a Diretoria do Sindicato e os patrões — isso revela o respeito já conquistado pela organização sindical graças a combatividade com que defende as reivindicações de seus sócios. Mas a morosidade da Justiça do Trabalho fez com que os metalúrgicos exijam atualmente a modificação da estrutura da justiça trabalhista, para que os julgamentos sejam mais rápidos.

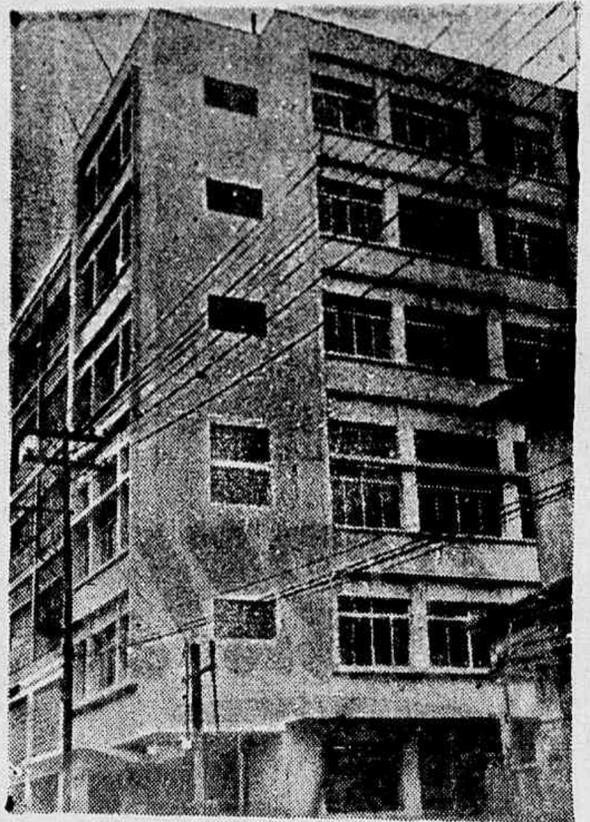
Assistência médico-hospitalar — também nesse terreno atua o Sindicato. Ele mantém um corpo de 27 médicos, cirurgiões e 6 dentistas, que atendem diariamente a cerca de 415 pessoas, em média, entre associados e membros de suas famílias.

Em 1957, gastou o Sindicato mais de 8 milhões de cruzeiros, com essa assistência.

Além disso, mantém o Sindicato de Metalúrgicos inúmeros cursos e departamentos internos: cursos de florista e corte e costura; de legislação Trabalhista e organização sindical; de desenho técnico, de economia política, de oratória, de prática e de redação... funcionam regularmente os departamentos artísticos, feminino e de cultura. Agora, está sendo organizada a seção esportiva a quem caberá promover jogos de vários tipos.

A TRADIÇÃO DE LUTAS DO SINDICATO

Os trabalhadores metalúrgicos têm intensificado, nestes últimos anos, as lutas em defesa de suas reivindicações econômicas e políticas. Eles têm lutado das mais diversas formas e pelas mais variadas reivindicações. Desde os abaixo assinados, as assembleias e reuniões, mesas redondas na Justiça do Trabalho, passeas-



Edifício Sede do Sindicato dos Metalúrgicos, na capital paulista

tas, concentrações e demonstrações de rua.

Além disso, têm sido ativa sua participação em todas as manifestações em defesa das liberdades democráticas, das riquezas nacionais e da independência nacional.

Em inúmeras conferências e congressos, não só de âmbito municipal ou estadual, mas que reúnem representantes de todo o país, estiveram os metalúrgicos paulistas — no Congresso de Estudo e Defesa das Leis Sociais Conferência de Volta Redonda, no I Congresso Nacional de Metalúrgicos de Porto Alegre. Nos grandes congressos mundiais convocados pela FSM, nas Conferências do Departamento Internacional dos Metalúrgicos, nos Congressos da Confederação dos Trabalhadores da América Latina — também aí estiveram os metalúrgicos de São Paulo.

Não foram essas porém as únicas manifestações de lutas desse importante setor do proletariado brasileiro. Sua firmeza e combatividade foram postas à prova principalmente nos vigorosos movimentos grevistas. O momento da renovação dos contratos de trabalho constituiu-se por várias vezes, o início da deflagração de greves, parciais ou de tempo indeterminado. Assim: 1951 — greve de 24 horas por aumento de salários (conquistaram de 10 a 100% de aumento);

1952 — greve geral de 24 horas, em toda a capital paulista, também por aumento de salários (conquista de Cr\$.. 1.110,00 mensais);

1953 — greve de 6 setores profissionais, que durou 27 dias (aumento geral de 32% nos salários);

1957 — em outubro, era desencadeada uma das maiores greves já realizadas no Brasil (conquista de 2% de aumento, depois reduzidos para 18% pelo T. S. T.).

A ORGANIZAÇÃO É UM FATOR DECISIVO

Uma grande experiência adquiriram os metalúrgicos

paulistas através de todos esses anos de lutas, no terreno da organização. Foi sua preocupação central organizar os trabalhadores em suas respectivas empresas e locais de trabalho, embora existam ainda algumas deficiências. Muitas empresas já possuem seus delegados, suas comissões e agora voltam-se os olhos da diretoria do Sindicato para aquelas que ainda não estão organizadas.

A unidade de ação dentro do setor metalúrgico reforçou-se de maneira considerável em consequência das próprias lutas travadas em defesa de suas reivindicações. Uniram-se operários das mais diversas tendências e opiniões, em torno de interesses comuns e foi graças a isso que alcançaram expressivas vitórias.

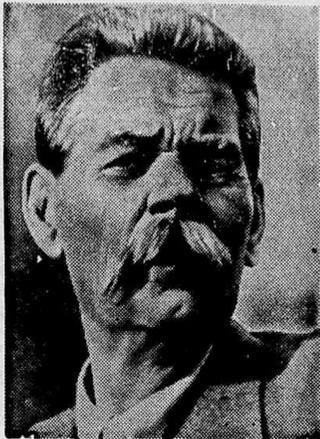
Também a unidade de organização se reforça. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo é um dos fundados do poderoso Pacto de Unidade Intersindical, entidade que congrega hoje mais de 100 mil trabalhadores em 15 federações, de todo o Estado. Além disso, mantendo-se intacta a sua Federação durante cerca de 4 anos, devido a divergências quanto à orientação da atividade sindical voltou o Sindicato recentemente ao seio da Federação, quando nesta se realizaram eleições para renovação da diretoria. Com isso ficou reforçado todo o movimento sindical.

Atualmente, esforça-se a diretoria do sindicato, e vem obtendo êxitos, no sentido de reforçar a unidade já alcançada dentro do setor. Ela vem contribuindo também para reforçá-la dentro do movimento sindical geral. Hoje as lutas se voltam pela conquista de novos níveis de salário mínimo, contra a carestia de vida, pela sanção da nova Lei de Previdência Social e do direito de greve, até 1º de maio próximo.

A rica tradição de lutas dos metalúrgicos paulistas é uma garantia para a conquista de novas e importantes vitórias.



Uma das manifestações da combatividade do metalúrgico paulista. Na foto, flagrante de uma assembleia no decorrer da greve de outubro do ano passado



A. M. Gorki



A. M. Gorki com F. L. N. Tolstói

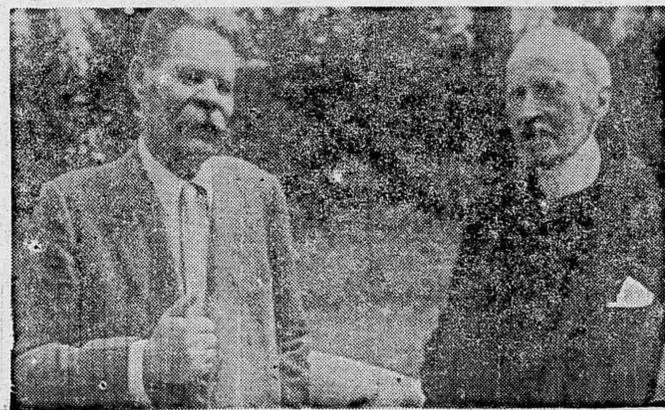
GORKI e o povo RUSSO

Paulo MOTTA LIMA

HA NOVENTA anos, em Nijni-Novgorod, cidade que hoje tem seu nome, nascia Maxim Gorki. Poucos escritores, em todo o mundo, se identificaram tanto com o seu povo e com os sofrimentos, lutas e triunfos de sua gente. Poucos se interessaram tanto pelo trabalho e pela vida dos homens simples, compreendendo ao mesmo tempo a sua força e o seu papel preponderante no desenvolvimento da história. Eis porque nas revoluções de 1905 e 1917 Gorki não foi espectador, mas participante.

Em 1905 Gorki amargou a prisão na fortaleza de Pedro e Paulo e posteriormente o exílio. Figura principal da corrente dos social-democratas internacionalistas, embora divergindo em certas ocasiões dos bolcheviques, com eles tornou em 1917, nos dias da luta pelo poder. Não poderia deixar de ser assim. Os bolcheviques representavam o que havia de melhor no povo russo. E Maxim Gorki representava o que havia de melhor na intelectualidade russa. Quem poderia imaginar coisa mais espantosa do que Maxim Gorki comprometido nas atitudes históricas da intelectualidade que se revelou incapaz de compreender a passagem do poder às mãos dos trabalhadores, sob a ditadura da classe operária?

No momento culminante de novembro de 1917, depois Kerenski, nada havia em Petrogrado que refletisse a modificação que acabava de ser operada na história da Rússia e de todo o mundo. As aparências enganavam. Os portos e a contra-revolução não acreditavam na vitória dos trabalhadores. Alguns jornais apontavam os bolcheviques como loucos. «O Dielo Naroda» afirmava que «seus decretos e apelos dentro de poucos dias passariam ao museu de curiosidades históricas». «Os teatros — conta nos John Reed, nos «Der Dias que Abalarão o Mundo» — funcionavam todas as noites. Karsavina aparecia em novo ballet no Mariinsky e toda a Rússia agachada do ballado acorria a vê-la. Chaliapin cantava. Na Alexandrinsky representava-se a «Morte de Ivan o Terrível, de Tolstói»...



Roman Rolland e Gorki em Yasnaya Poliana, em 1901

Na rua, a «intelligentsia», prima-carnal da «jeunesse dorée» francesa, que depois teria sua versão em caricatura semi-colonial no lanternismo carioca, provocava os deslucamentos bolcheviques, os soldados vindos do front, os marinheiros de Kronstadt. Gritavam que eles estavam sendo rigidizados por oficiais austriacos e alemães. Zombavam da pretensão daqueles homens saídos das trincheiras para ditar normas à intelectualidade. Ou então afirmavam, como aquele discípulo de Krupotkin que John Reed encontrou nos corredores do Instituto Smolny, que a revolução estava indo por água abaixo, pois não contava com o apoio das massas que por sua vez não estavam suficientemente preparadas...

Gorki não poderia participar dessas demonstrações de cegueira e de fúria. E sua corrente, e seu jornal, «Nova

Jimza», criticavam a desercão dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques. Com efeito, Maxim Gorki nasceu em família pobre, tivera uma infância dolorosa. Sua juventude passou-se em trabalhos rudes. Gorki abriu os olhos para o mundo embarcado, através do Volga ouvindo relatos, leituras e canções do povo, realizando um esforço tremendo para se instruir. Assim, ligou-se à história de sua pátria. Depois da Bíblia em eslavo antigo, que conseguiu decifrar ainda criança, outros materiais escarcos passaram por suas mãos. Tendo o que podia ler, sem método, ouvindo narrações de mujiques, vivendo entre camadas oprimidas pelo tsarismo, os heróis de seus livros seriam depois figuras da própria sociedade que conheceu. E essa particularidade o distinguiu de outros gigantes da literatura russa de antes da revolução. Em sua riqueza de linguagem, no colorido de suas páginas, encontramos a verdadeira alma russa, diferente de tantas versões formadas. Gorki confiava no poder criador do povo russo, no triunfo da vida sobre o sofrimento, na vitória do bem sobre o mal, da vida sobre a morte. Pensava assim em literatura e em política. Tinha honestamente um pensamento só, em relação ao povo. Não era perturbado por nenhuma vacilação.

Gorki e Lenin foram amigos. Através de Gorki é que Lenin, logo depois da tomada do poder, aproximou-se de Pavlov, para lhe oferecer, em nome do governo, o apoio e o conforto necessários ao trabalho do grande sábio.

Os dois jamais duvidaram do poder criador do povo russo e dos outros povos que habitam a U.R.S.S.

ESTA' causando sérias apreensões nos círculos econômicos e políticos de todo o país as atuais dificuldades por que atravessa a economia cafeeira, com os seus reflexos negativos sobre o conjunto da economia nacional, uma vez que rubrica representa a fonte de mais da metade dos divisos que obtemos com nosso comércio exterior. Crise prevista desde 1933, alcança hoje o seu ápice substancialmente agravada nos últimos seis meses com a retenção obrigatória de 20% de nossas exportações normais daquele produto, e consequência do Acórdo do México, e a política interna de defesa.

Enquanto se consome tão pouco café no Brasil e em todo o mundo, os estoques se acumulam em nossa pátria alcançando hoje a cifra astronômica de 8 milhões, 650 mil sacas, oficialmente confessada em recente entrevista de Paulo Guzzo, presidente do Instituto Brasileiro do Café. E que pese o respeito que temos por aquela autoridade somos forçados a afirmar serem demasiadas otimistas aquelas cifras. Na realidade os nossos estoques atuais de café são muito superiores aos apresentados pelo dr. Paulo Guzzo alcançando já a casa dos 13 a 14 milhões de sacas. Além disso, devemos acrescentar que, até junho do corrente, quando terminará a safra de 1957/58, aquelas cifras se elevarão cerca de 18 milhões.

Não são, desta forma, animadoras as perspectivas para a economia cafeeira nacional, e consequentemente para a economia brasileira, salvo se houver modificações imediatas na política que vimos pondo em prática anos seguidos.

PRODUÇÃO EXPORTÁVEL

Uma análise mesmo rápida dos números reavivou a nossa produção exportável de café e às exportações que realizamos nesses últimos anos, mostra-nos que a tendência é para um crescente acúmulo de cafés sem possibilidades de escoamento. A média de nossa produção exportável vem se apresentando sistematicamente superior à média de nossas exportações, crescendo de ano para ano as disponibilidades daquele produto em nossos portos, a espera de compradores providenciais. Isto é o que nos revela o quadro abaixo que agrupamos os dados referentes a produção exportável e a exportação brasileira de café durante as safras de 1952/53 a 1956/57:

Safras	Em mil sacas de 60kg.	
	Prod. Exportável	Exportação
1952/53	16.100	14.968
1953/54	15.148	14.325
1954/55	14.512	10.796
1955/56	22.064	16.970
1956/57	12.534	14.907
Totais	80.358	71.966
Saldo exportável		8.392

Fonte: Instituto Brasileiro do Café.

Mesmo levando-se em conta a não existência de disponibilidade para exportação ao terminar a safra 1951/52, e considerando-se aquele saldo exportável como todo o estoque de café existente no país ao iniciar-se a presente safra de 1957/58, vemos como a realidade está muito longe daquela afirmada pelo presidente do Instituto Brasileiro do Café em sua recente entrevista à imprensa. Somando-se aquele saldo exportável aos 3 milhões e 900 mil sacas da presente safra compradas pelo IBC em consequência de sua política de defesa interna, e ao 1 milhão e 100 mil sacas

A CRISE AMEAÇA A ECONOMIA CAFEIEIRA

13 MILHOES DE SACAS DE CAFÉ ESTOCADAS SEM PERSPECTIVAS DE IMEDIATO ESCOAMENTO

de nossas exportações, concluímos que nossos estoques atuais ultrapassam os 13 milhões de sacas, como dissemos acima.

DIMINUI A NOSSA PARTICIPAÇÃO NO COMÉRCIO MUNDIAL DO CAFÉ

O nosso país, que já contribuiu com mais de 75% do consumo mundial de café, está hoje com sua participação reduzida a pouco mais de 40%. A evolução de nossa participação percentual no consumo mundial de café, nestes últimos dez anos, pode ser melhor observada no quadro abaixo:

Participação do Brasil no consumo mundial do café			
Ano	%	Ano	%
1947	50,7	1952	49,0
1948	54,0	1953	45,0
1949	53,1	1954	37,4
1950	50,4	1955	40,5
1951	51,0	1956	44,1

Enquanto isso, vêm despontando no mercado mundial do café os produtos afro-asiáticos, cuja influência cresce de ano para ano. A sua produção aumenta rapidamente — da média anual no período de 1935 a 1939 de 2 milhões, 602 mil sacas, passou para 9 milhões, 620 mil sacas em 1956. A sua participação percentual no consumo mundial de café, que era de 13,2% em 1945 passou para 25,4% em 1956.

Por que decresce a nossa participação percentual no consumo mundial do café, em proveito dos produtores afro-asiáticos? Uma das causas, a mais importante, reside no fato de que os cafés brasileiros não podem concorrer em preços com cafés africanos, como decorrência de seus altos custos de produção.

BAIXA PRODUTIVIDADE

Phenômeno grave que vem se acentuando de ano para ano sem que as autoridades tomem as medidas corretivas necessárias, é o da queda progressiva da produtividade de nossos cafezais por hectare. Essa queda progressiva verifica-se, sobretudo, no principal estado produtor — São Paulo. O quadro abaixo mostra-nos a evolução dessa tendência nos Estados de

São Paulo, Minas Gerais e no conjunto do Brasil:

Produtividade média de café por hectare — em quintais			
Ano	S.P.	M.G.	Brasil
1950	334	337	402
1951	337	385	394
1952	360	292	399
1953	322	323	380
1954	327	350	345
1955	359	384	419
1956	279	299	287

Vemos, assim, que nestes últimos sete anos a produtividade média por hectare caiu em cerca de 30%, e a tendência é para cair ainda mais, se não se fizer uma verdadeira revolução em nossos métodos de cultura do café. A verdade é que os nossos cafezais mais importantes estão envelhecidos e foram plantados usando-se técnica hoje completamente superada.

A média de produtividade atualada no Brasil é das mais baixas do mundo. Isto tem como consequência imediata os altos custos de produção e, naturalmente, a necessidade de altos preços de venda, impossibilitando-nos

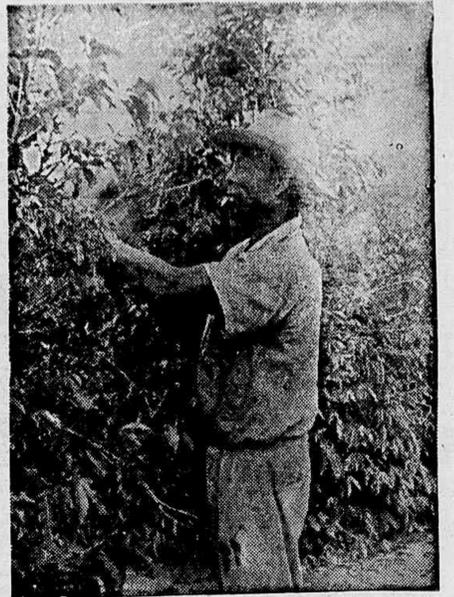
de concorrer vantajosamente com outros produtores. Para se ter uma idéia exata do quanto é baixa a produtividade média de nossos cafezais, basta dizer que em vastas regiões da África, a produtividade média varia entre 1.500 e 2.000 quilos de café por hectare. Desta forma os produtores africanos podem dispor de seus cafés por preços de custo muito menores do que os nossos, e consequentemente colocar os seus produtos no mercado mundial em condições que não podem ser igualadas pelos produtores brasileiros.

SALVAR A LAVOURA CAFEIEIRA DA DEBLAQUE

Todos aqueles que se interessam e estudam os problemas da economia cafeeira do país são unânimes em reconhecer a necessidade do governo tomar medidas urgentes capazes de encaminhar uma solução radical para as suas atuais dificuldades.

Entre outras, são inadiáveis medidas que objetivem alcançar os seguintes resultados:

- a) renovação dos cafezais velhos e cansados, com a sua substituição por novos fundados na base da técnica moderna. Desta forma conseguiríamos não só aumentar substancialmente a produtividade média por hectare, baixando em consequência os custos de produção, como também poderíamos reduzir em muito a área cultivada sem nenhum prejuízo para o volume global de nossa produção. Cultura intensiva substituído a cultura extensiva como é atualmente praticada.
- b) conquistar novos mercados — é indispensável à economia cafeeira do Brasil a conquista de novos mercados consumidores, ao tempo em que através de uma propaganda racional e bem orientada se procura ampliar a penetração de nosso produto nos mercados consumidores tradicionais. Não podemos continuar com essa política inconsequente de desmembramento da existência dos mercados socialistas, que engloba quase um bilhão de pessoas. A experiência de nossas ainda incipientes trocas comerciais com países como a Polónia, Tchecoslováquia e Iugoslávia revelam-nos as imensas possibilidades que existem em mercados como os da União Soviética, China Popular e dos demais países do campo socialista. Esta verdade, aliás, começa a ser reconhecida pelas autoridades brasileiras. Recentemente, o sr. José Maria Alkmin, ministro da Fazenda, declarou a jornalistas estrangeiros que o governo já havia autorizado a venda de 100 mil sacas de café a União Soviética, e que esta seria a primeira de várias remessas a ser efetuadas para aquele país socialista. Essa mesma autoridade tem se manifestado, por mais de uma vez, pela necessidade e oportunidade do restabelecimento de nossas relações comerciais com aquele país. Conquistando aqueles mercados e ampliando a venda de nosso principal produ-
- c) ampliar o mercado interno — consumimos muito pouco café. É indispensável a execução de medidas visando a aumentar o consumo desse produto dentro de nosso país. Isto pode e deve ser conseguido de imediato através de uma política de baixa de preços do café destinado a esse fim.
- d) industrialização do café —



Café em colina



Montes de café numa fazenda paulista



Colonos espalhando café para secar

duto de exportação, estaremos nos libertando do monopólio do mercado consumidor dos Estados Unidos a que estamos submetidos e de onde partem todas essas manobras baixistas que tantos males têm causado à estabilidade econômica de nossa pátria.

e) quebrar o monopólio do comércio exterior do café — esse comércio é exercido em caráter quase exclusivo por meia dúzia de firmas norte-americanas instaladas em nosso país, que utilizam todas as manobras especulativas possíveis aqui e na Bolsa de Nova Iorque, contra a política de defesa dos preços do café.

Doutrina de Agressão e de Guerra

(Artigo reproduzido da «Pravda» do 12/1/1953)

Os acontecimentos dos últimos tempos demonstram: que tão logo se observe uma diminuição da tensão internacional determinados círculos no Ocidente, em primeiro lugar nos Estados Unidos, aceleram a febril atividade para de novo esquentar a situação e acender as chamas da «guerra fria». Não é por acaso, que, precisamente agora, quando milhões de pessoas em todos os países apóiam calorosamente as propostas de paz da União Soviética, os inimigos da colaboração internacional nos Estados Unidos, se tornaram particularmente, mais ativos.

Nos últimos tempos nos Estados Unidos, surgiram não poucos, planos, pesquisas, informes e «doutrinas», de todo o tipo nos quais se glorifica de todas as maneiras a corrida armamentista e a política de «guerra fria». Ao se tomar conhecimento desses documentos, não é difícil observar que, todos eles são preparados segundo um mesmo padrão e se destinam a objetivos completamente definidos; envenenar a atmosfera internacional, impedir o ulterior alívio da tensão entre os países e obrigar o pagador de impostos americanos, a resignadamente, financiar de seu bolso o colossal programa de preparativos militares, inteiramente vantajoso para os grandes monopolistas dos Estados Unidos.

Ainda recentemente, os círculos reacionários dos Estados Unidos e a imprensa submetida a eles, armaram tremendo alvoroço em torno do chamado informe do «Comité Gatter». E apesar de que até agora, este informe tenha a etiqueta de «secreto», seu conteúdo — com a ajuda dos representantes dos influentes círculos de Washington — penetrou nas páginas dos jornais americanos e se tornou um motivo de ampla publicidade. A tese principal desse informe se reduz a que o governo americano deve, de ano em ano, elevar os ritmos da corrida armamentista e a despeito da vontade dos povos, prosseguir na irracional e funesta política das «posições de força». Segundo a afirmação dos autores do informe se o Congresso e o governo não elevarem os gastos militares anuais para 3 bilhões de dólares, entrão os Estados Unidos recuarão frente a uma «catástrofe inevitável».

É completamente evidente que tais apelos só podiam partir daqueles círculos, cujos interesses financeiros estão ligados à corrida armamentista e em cujos cálculos não entra o alívio da tensão internacional. Um convincente exemplo disto é a própria composição do Comité Gatter que elaborou este programa de «guerra fria» e de corrida armamentista. Entre seus membros nós encontramos grandes capitalistas, generais e admirantes da reserva e cientistas que se encontram a serviço das corporações de indústria de guerra dos Estados Unidos, profundamente interessadas na obtenção de encomendas de guerra. Ao lado do próprio Gatter que se movimentava no campo de ação do presidente do fundo Ford, tomaram parte ativa na elaboração do informe, Foster vice-presidente da corporação «Olin Matson Kemyll», controlada pelos Rokfellers, e também Robert Spreig, presidente da «Spreig Electric Company», também ligada aos Rokfellers. A verdadeira alma e a força orientadora nesse Comité eram as pessoas que representam os interesses da dinastia do petróleo dos irmãos Rokfellers. Entre eles se deve citar, antes de tudo, os nomes de Laurenc Rokfeller, de Jonn Makillo, presidente do conselho de diretores do banco dos Rokfellers Manhattan Chase Bank, do grande financista R. Lovett.

É significativo também o fato de que, no exame por parte do governo das recomendações contidas no informe de Gatter, eles encontram, como mostra a imprensa americana, um apoio particularmente simpático de parte do vice-presidente dos Estados Unidos, Nixon e do secretário de estado Dulles os quais, de direito, se consideram os mais abertos porta-vozes dos interesses do «sindicato do petróleo» dos Rokfellers. Comentando o conteúdo do informe do «comité Gatter» a

composição de seus membros, o jornal «Chicago Daily Tribune», observa de maneira judiciosa: «quando se reúne semelhante camarilha de pessoas, os tambores militares começam a bater».

Mas, os círculos agressivos dos monopolistas da indústria de guerra dos Estados Unidos é, antes de tudo, os próprios Rokfellers, não acreditando na força de influência só do informe secreto de Gatter, decidiram lançar mais um grandiloquente documento. No dia 6 de fevereiro, na imprensa americana, foi publicado o «Informe do grupo Rokfellers», o qual foi imediatamente batizado pela imprensa de «Doutrina dos Rokfellers». Este informe dedicado às questões da política militar e da estratégia militar dos Estados Unidos, foi elaborado por um grupo de capitalistas e peritos militares americanos, sob a direção mediata de Nelson Rokfeller.

Os autores desta flagrante «doutrina» do imperialismo americano, apreciando a atual situação estratégico-militar dos Estados Unidos, em pânico afirmam que, «pelo visto», os Estados Unidos perderam rapidamente sua supremacia sobre a Rússia na concorrência militar. «Caso as atuais tendências não mudem, — prosseguem eles — a correlação de forças em todo o mundo se modificará a favor do bloco soviético...» Reconhecendo desse modo, a bancarrota do mito do poderio militar dos Estados Unidos e dos cálculos na fraqueza da União Soviética, Rokfeller e seus ordenanças dão a impressão de que lhes é completamente alheio o fato de todos conhecido que a potência soviética jamais pretendeu e não pretenderá utilizar sua supremacia e sua indiscutível potência para ameaçar a outros estados.

Na recente mensagem do Presidente do

Conselho de Ministros da Rússia, N. A. Bulganin, ao presidente dos Estados Unidos, D. Eisenhower, mais uma vez se proclama triunfalmente que, a «União Soviética não recorreu e não pretende recorrer à política «das posições de força» e em geral esta tese é produto de nossa atual política». E em seguida, nesta mensagem se diz: Tanto antes como agora, a União Soviética se manifesta pelas conversações, norteando-se por um único desejo: fazer tudo o que dela depende, para o fortalecimento da causa da paz, para a cessação da corrida armamentista e o desenvolvimento de uma ampla colaboração internacional na base dos princípios da coexistência pacífica.

Mas, pelo visto, os interesses do fortalecimento da paz e do desenvolvimento da colaboração fraternal entre os povos, estão frontalmente contrapostos aos interesses daqueles círculos imperialistas dos Estados Unidos em nome dos quais intervêm os autores da «doutrina dos Rokfellers». Todas as suas intensões e cuidados se reduzem a que o mundo entre pelo caminho do ulterior aguçamento da tensão e da transtornação da «guerra fria» em «guerra quente». Precisamente este é sentido e os objetivos das orientações programáticas que são apresentadas pela camarilha monopolista dos Rokfellers em sua «doutrina». Essas exigências reduzem-se no fundamental ao seguinte:

I — Elevar imediatamente os gastos dos Estados Unidos para 3 bilhões de dólares no ano e conseguir que esta mesma dotação militar seja elevada nos anos seguintes. «Nesta esfera, — como explicam os próprios autores da «doutrina», — não entra a elevação de meios para a ajuda mútua e para a defesa civil».

II — Reorganizar radicalmente as instituições militares centrais dos Estados Unidos, para com isso colocar a máquina militar

americana completamente pronta para o combate.

III — Submeter toda a estratégia militar dos Estados Unidos à preparação e realização tanto na «guerra fria» como das «pequenas guerras». Nestas guerras como cinicamente se afirma no informe indicado, «se terá que aplicar quase que inevitavelmente as armas nucleares».

Mas isto não é tudo. Partindo de seus interesses petrolíferos específicos, que se difundem nas numerosas regiões do Oriente Próximo e Médio, da Ásia Sul-Oriental, da América Latina e de outras partes do globo os irmãos Rokfellers prevêm a direta intervenção dos Estados Unidos com o objetivo de esmagar o movimento de libertação nacional nestes países. Por isso os autores do informe consideram «uma imperiosa necessidade» para os Estados Unidos, a criação de unidades militares especiais capazes de, rápida e efetivamente, intervir visando a paralisar o desenvolvimento de «situações indesejáveis» para os imperialistas americanos em qualquer parte do globo.

Pondo a nú o sentido agressivo e colonizador da «doutrina» de Rokfeller, o jornal «Wall Street Journal» explica: «É completamente evidente que o informe tem em vista aquele particular tipo de perdas que o Ocidente sofreu inicialmente no Egito, depois na Síria e agora na Indonésia... A interpretação literal desta «doutrina» significaria que os Estados Unidos deveriam apoiar seus amigos — a França e a Inglaterra — quando eles atacaram o Egito. Isto poderia significar ações conjuntas com a Turquia amiga, com o objetivo da derrubada do governo não-amigo da Síria. Supostamente isto poderia significar agora, que nos devemos... adotar a intervenção armada na Indonésia... É um fato evidente que o grupo de Rokfeller insiste na aplicação de uma política corajosa, sã, militar e aventureira». Concluindo sua análise (Conclui na pág 10)

CAMPANHA NACIONAL CONTRA A AMERICAN CAN

TRABALHADORES, ESTUDANTES E INDUSTRIAIS UNIDOS EM DEFESA DA INDÚSTRIA NACIONAL — INICIADA A CAMPANHA NESTA CIDADE E EM S. PAULO — NOVOS PROTESTOS CONTRA A DECISÃO DA SUMOC

A decisão do Conselho da SUMOC permitindo à American Can a instalação no Brasil de uma fábrica de latarias, continua a provocar os mais enérgicos protestos em todo o país. Diante das pretensões da SUMOC de não voltar atrás em sua decisão entreguista, inicia-se em São Paulo e no Distrito Federal, com irradiação em diversas cidades brasileiras, uma campanha popular de repúdio à mesma e em defesa da indústria nacional de estampanaria, cuja existência está seriamente ameaçada.

Essa campanha está sendo dirigida por trabalhadores e estudantes, através de suas entidades representativas, e conta com o apoio ativo dos industriais cariocas e paulistas e de numerosos núcleos do Movimento Nacionalista Brasileiro.

O POVO NAS RUAS

Em reuniões realizadas a semana passada em São Paulo e nesta cidade com a participação de líderes sindicais e estudantes, foram concertadas as medidas de um vasto programa que tem como centro uma campanha de âmbito nacional de esclarecimento e

mobilização popular com o objetivo de fazer sentir mais profundamente ao governo a necessidade de anular a odiada decisão da SUMOC.

ATOS PÚBLICOS

Os muros e paredes desta cidade e de São Paulo já se encontram recobertos de cartazes coloridos e sugestivos em que se condena a instalação no país daquele poderoso truste norte-americano que deseja «enlatar o Brasil». Também nos logradouros públicos, os estudantes e trabalhadores estenderam numerosas faixas com disticos como «Abaixo American Cancro», «American Can Can Brazilian Can Not», «Vende-se a Indústria Nacional — tratar na SUMOC» e «O truste enlata o Brasil».

Parte desse programa, como pontos iniciais da campanha, foram o grande comício realizado sexta-feira última na cidade de S. Paulo e o ato público que teve lugar na sede da União Nacional dos Estudantes, quinta-feira passada. Numerosos outros atos estão programados para os sindicatos, entidades estudantis e fábricas de latas, todos eles como meios de mobilização do povo para a concentração a

ser realizada em frente à Câmara dos Deputados, em data próxima.

PROTESTAM OPERÁRIOS CATÓLICOS

A diretoria da Confederação Nacional dos Círculos Operários Católicos, representando 500 mil trabalhadores, dirigiu um telegrama ao sr. Juscelino Kubitschek condenando a decisão da SUMOC por contrariar os interesses da indústria nacional. «Féris à doutrina cristã, diz o telegrama, contrária a qualquer truste, trabalhadores circulares aguardam a revisão do referido ato, tendo em conta os altos interesses dos trabalhadores e da nação.»

TOMA POSIÇÃO A C.N.T.I.

Em sua última reunião de terça-feira, o Conselho Consultivo da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, depois de longos debates, decidiu por unanimidade hipotecar toda solidariedade aos industriais de latas e participar ativamente da campanha nacional pela anulação da decisão da SUMOC.

O SR. SAKARI SEVERI EM MOSCOU



O sr. Sakari Severi Tuomioja, secretário executivo da Comissão Econômica da ONU, recentemente chegado à Moscou, visita uma das fábricas soviéticas, acompanhado por membros do governo da URSS (Foto da TASS)

Partidários e Inimigos Da Zona Desatomizada

A proposta, vivamente debatida em todas as partes, de estabelecer uma zona desatomizada no centro da Europa, é chamada algumas vezes «neutralidade atômica» e, com mais frequência, «plano Rapacki», em virtude do sobrenome do ministro polonês que a sugeriu. A essência desse plano, exposto na XII Sessão da Assembléia Geral da ONU, foi detalhada pelo próprio Adam Rapacki, na entrevista que concedeu ao *Sunday Times* de Londres e em seguida, no recente memorandum do governo polonês.

Consiste num acôrdo internacional pelo qual se criaria na parte central da Europa uma zona desprovida de armamento atômico. A zona incluiria as duas partes da Alemanha, a Polônia e a Tchecoslováquia, países que se comprometeriam a não fabricar, armazenar nem instalar, em seu território, armas daquele tipo, quer de produção nacional ou estrangeiras. Também se proibiria o emprego de armas nucleares contra o território dessa zona.

Como afirmou Rapacki, essas sugestões vinham-se preparando desde 1956. Agora foram aprovadas já por todos os signatários do Tratado de Varsóvia. O governo da República Democrática Alemã propôs que esse projeto seja submetido a plebiscito no Este e Oeste da Alemanha.

O plano da zona desatomizada tem grande significação prática para a segurança da Europa. Segundo assinalou nas mensagens de dezembro Nicolai Bulganin, a aplicação do plano contribuiria para o desarmamento e o alívio da tensão internacional.

A reação favorável ao Plano Rapacki não se limita aos países socialistas. Na Grã-Bretanha, por exemplo, a Sociedade Fabiana editou um folheto de Denis Healey intitulado «Um cinturão neutro na Europa?» que mostra as vantagens desse projeto. Os conhecidos líderes trabalhistas Aneurin Bevan e Michael Foot opinam que o Plano Rapacki é um dos acontecimentos mais alvissareiros nos assuntos internacionais dos últimos meses. Na Alemanha Ocidental, os líderes do Partido Social-Democrático e do Partido Democrata Livre exprimiram seu apoio ao Plano Rapacki. Atitude semelhante observa na Itália o Partido Socialista. Entre os partidários do projeto figuram o representante da França na Comissão de Desarmamento da ONU, Jules Moch, o filósofo inglês Bertrand Russell e especialistas militares como o marechal Slessor e Liddell Hart.

Essa breve enumeração permite ver que a proposta do governo polonês afeta um problema plenamente amadurecido e de excepcional importância.

Como disse com toda a razão Rapacki, a aplicação do Plano «poderia dar lugar a um alívio considerável na tensão na Europa, a ajudar a restabelecer a confiança mútua e abrir caminho à aplicação de outras medidas concernentes ao desarmamento», assim como «contribuir para encontrar a solução de outros problemas difíceis e agudos».

É particularmente importante, no meu modo de ver, estudar os argumentos que esgrimem os adversários do plano de zona desatomizada. Esses argumentos, que procedem principalmente das esferas militares norte-americanas e alemãs ocidentais, são expostos nas páginas de muitos periódicos do EE.UU., Alemanha Ocidental e Grã-Bretanha. Os mais característicos são os seguintes:

- 1) O estabelecimento da zona só favoreceria a URSS. Por exemplo, o «Manchester Guardian» diz que «em sua forma presente, pode servir melhor aos interesses soviéticos que aos interesses ocidentais».
- 2) A criação da zona «solaparia a defesa da Europa Ocidental», uma vez que debilitaria a significação do oeste da Alemanha no sistema militar do bloco atlântico.
- 3) Seria impossível instaurar a zona sem um sistema especial de controle e garantias.
- 4) Mesmo que se constitua, a zona não garantiria a Europa Central de ver-se convertida em teatro de uma guerra atômica.

Correspondem essas afirmações à verdade? Os autores do primeiro argumento incorrem desde o princípio numa evidente falsidade. Em primeiro lugar, o plano da zona desatomizada não corresponde à URSS, mas à Polônia. Em segundo lugar, se somente favorecesse à URSS, por que o apoiam influentes esferas ocidentais muito distantes de defender os interesses soviéticos? E inclusive admitindo que o marechal Slessor e Jules Moch, Erich Ollenhauer e Michael Foot tenham esquecido de imediato os interesses ocidentais, pode-se dizer que o Plano Rapacki seja um instrumento dos interesses soviéticos?

Por obra e graça dos diplomatas norte-americanos, o Ocidente tem o mau costume de considerar seus interesses somente do ponto de vista do sistema militar da OTAN. Pois bem, o interesse supremo de todos os países não pode ser senão a manutenção da paz. Não é isso o que se pede em todos os países da Europa Ocidental? A zona desatomizada corresponde aos postulados da paz, pois retira da linha de contacto direto as armas A e H, as mais destruidoras e perigosas. Nisso coincidem os interesses dos povos do Oeste e do Leste.

O segundo argumento dos adversários da zona é um produto típico do pensamento militarista dos estrategistas da OTAN, que, quando invocam a «defesa da Europa Ocidental» não fazem mais que mascarar os preparativos de agressão. Esses estrategistas projetaram a instalação de bases atômicas e de foguetes na Europa, para converter o velho continente numa espécie de «emplastro de sucção», que deve amortecer o perigo de contragolpe para os próprios EE. UU. Como qualquer um pode compreender, a perspectiva de ser esse «emplastro» não é agradável para nenhum país europeu.

Nessas circunstâncias, é legítimo o desejo dos povos da Europa de dispor de zonas desatomizadas, capazes de fortalecer e oferecer certas garantias jurídicas internacionais, contra o perigo de guerra atômica.

E. KOROVIN (Correspondente da Academia de Ciências da URSS.)

Os generais de Bonn, que aspiram ao papel de professores da Europa Ocidental, perguntam: E que será de nós? Nós somos o bastião da Europa e queremos convertê-lo em bastião atômico».

Que podemos responder a isso? Desde logo, a zona desatomizada implicaria em determinada revisão de valores no sistema guerreiro da OTAN. Se na República Federal Alemã se proibe a fabricação e armazenagem de armas atômicas, a significação desse país como possível trampolim de agressão, diminui. Mas, será isso um mal?

Creio que aplaudiremos a queda da influência do militarismo alemão, o qual já desencadeou duas guerras mundiais e hoje ameaça de novo a Europa com a revanche. Isso seria muito proveitoso para o próprio povo alemão: propiciaria a solução de muitos problemas nacionais da Alemanha, como a garantia da paz, a democracia e o restabelecimento da unidade.

Isso, pelo que diz respeito ao argumento da «queda do papel militar da República Federal».

A terceira questão se refere ao controle e às garantias. Quando se fala das garantias da zona desatomizada, deve reconhecer-se que na atualidade é muito possível concluir os acordos correspondentes entre os governos que dispõem de armas atômicas, ou fazê-lo mediante a publicação de declarações individuais desses governos.

O governo soviético já se manifestou disposto a salvaguardar com outras potências a neutralidade atômica dos países integrantes da zona, mediante firmes garantias internacionais. A URSS, como o reafirmou a entrevista de Kruschiov com os jornalistas alemães ocidentais Springer e Zehrer, considera possível que os países em questão «concordem na aplicação das amplas formas de controle das medidas relacionadas com a criação da zona desatomizada».

A Polônia, segundo declarou Rapacki na Comissão de Assuntos Exteriores da Dieta polonesa, é partidária do controle mais eficaz, de um controle que ofereça a todos os países interessados a máxima confiança e a sensação de segurança. Com relação aos métodos e formas de controle, estes devem ser objeto de medidas concretas e coordenadas, depois de chegar a um acôrdo de princípio.

O memorandum do governo polonês assinala algumas das medidas possíveis. Por exemplo, propõe constituir um mecanismo de controle no qual participem representantes ilicados pelos organismos do Pacto do Atlântico Norte e do Tratado de Varsóvia, assim como cidadãos ou representantes de países não signatários de coalisões militares da Europa.

Persistentes na política das posições da razão, os governos dos países socialistas consideram que todas as questões,

CHEGA A MOSCOU O SECRETÁRIO DA COMISSÃO PARA A EUROPA



O sr. Sakari Severi Tuomioja, secretário executivo da Comissão Econômica da ONU para a Europa, chega a Moscou como convidado do governo soviético. No clichê fotografia tomada no Aeroporto de Vnykovo

grandes e pequenas, relacionadas com a aplicação desse plano (inclusive as fronteiras da zona desatomizada, as garantias, o controle etc.) devem ser motivo de amplo debate internacional.

Por fim, o argumento, muito difundido no Ocidente, de que o plano da zona não oferece ampla garantia contra a guerra atômica. Desde logo, a neutralização e desmilitarização de um território ou outro e de países inteiros não afeta por completo o perigo de guerra. Mas essa neutralização diminui sem dúvida o risco bélico e alivia os padecimentos dele derivados.

A zona desatomizada não é capaz por si só de eliminar totalmente o perigo de guerra atômica. Mas seu estabelecimento seria o primeiro passo nessa direção e o acolheriam com júbilo todos os povos e em primeiro lugar os povos da Europa. Por isso é muito natural que em muitos países se sugira ampliar a zona desatomizada e nela incluir, além da Alemanha, Polônia e Tchecoslováquia, os países escandinavos, a Hungria, Grécia e Itália. E o primeiro ministro da França, numa entrevista concedida ao jornal «Neues Deutschland», assinalou que a ideia desse plano pode ter aplicação muito mais ampla. «Quanto maiores sejam essas zonas pelo território e a população — afirmou Nehru — tanto melhor para a paz».

O estabelecimento da zona desatomizada mostraria concretamente que é possível conseguir nas relações internacionais o mínimo de confiança necessário. O plano da zona desatomizada é uma valiosa contribuição para o alívio da tensão internacional.

A 28 E 29 DE MARÇO

CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES

DEVERÃO REUNIR-SE NO RIO REPRESENTANTES DE TODOS OS ESTADOS DO PAÍS — IMPORTANTE PASSO PARA A UNIDADE DE AÇÃO E A CONQUISTA DE NOVAS REIVINDICAÇÕES

Grande acontecimento para o movimento sindical brasileiro deverá constituir a realização do próximo Congresso Nacional dos Trabalhadores, convocado para os dias 28 e 29 do mês corrente, para a capital da República.

Resultados dos encontros sucessivos de dirigentes sindicais dos mais importantes Estados do país, a déca surgiu ainda quando da primeira conferência inter-estadual, que se efetuou na capital paulista, nos primeiros dias de fevereiro. Ficou prevista então, uma segunda conferência, que teria lugar no Rio, nos dias 8 e 9 de março, com a participação de líderes sindicais de São Paulo, Distrito Federal, Estado do Rio e Minas.

Mas já se esboçava entre as grandes categorias profissionais, a necessidade de convocar uma reunião nacional, na qual estivessem representados todos os trabalhadores brasileiros, para um debate amplo em torno dos problemas mais angustiantes do movimento operário, no momento atual.

CONVOCADO O CONGRESSO

Na sede do Sindicato dos Gráficos cariocas, a 11 de março, reuniu-se o Conselho Consultivo da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, com a presença de representantes da maioria dos sindicatos do Rio; além de figuras representativas da política e da indústria. Discutiram-se duas questões: a convocação do Congresso Nacional dos Trabalhadores e a posição da CNTI em face da decisão da SUMOC que permitiu a vinda do truste norte-americano American Can. Foi divulgado então o resultado dos entendimentos mantidos entre a CNTI e as Confederações Nacionais dos Trabalhadores no Comércio e nos Transportes, como fase preliminar à convocação de um encontro nacional. Ficou decidida a convocação do Congresso para os dias 28 e 29 de março.

AS PRIMEIRAS MEDIDAS PRÁTICAS

Nos próximos dias deverão realizar-se em todos os sindicatos as assembleias, com

a participação do maior número de trabalhadores, a fim de debater o temário do Congresso. Esse temário inclui os seguintes pontos:

- a) — Lei Orgânica da Previdência Social;
- b) — Regulamentação de Direito de greve;
- c) — Questões relacionadas com o salário: Salário-mínimo, salário profissional, salário família e escala móvel de salário.

Visando assegurar o maior êxito para o Congresso, deverão ser criadas comissões com representantes de todas as confederações nacionais, que terão a responsabilidade de dirigir os trabalhos daquele conclave. Além disso, dispõe-se a CNTI a realizar tantas reuniões extraordinárias de seu Conselho Consultivo quantas forem necessárias, em preparação ao Congresso Nacional.

MAIOR IMPULSO PARA O MOVIMENTO SINDICAL

O ano de 1953 deverá ser como tudo indica, um ano de grandes lutas para os trabalhadores brasileiros. Uma série de reivindicações vitais es-

tá hoje no centro do movimento operário de nosso país, sendo que uma delas — o direito de greve — acaba de ser aprovada unanimemente na Câmara Federal. Mas outras questões estão colocadas no mesmo nível de importância: a sanção presidencial até 1º de maio próximo da nova lei de previdência social (bem como do próprio direito de greve), a revisão dos níveis de salário-mínimo, além do aumento geral de salários.

Os trabalhos de preparação do Congresso Nacional permitirão dar maior impulso a essas lutas e farão avançar a atividade sindical no Brasil. Os pontos de seu temário constituem um programa comum, que possibilitará a mais ampla unidade de ação de todas as categorias profissionais e em escala nacional, facilitando assim o caminho para a unidade no terreno da organização e criação de uma central sindical única, eliminando as consequências altamente negativas da cisão verificada há vários anos no movimento operário brasileiro.

Surge Nova Associação Camponesa

Na zona de Açude Cedra, localizada no município de Quixadá, no interior cearense, trabalham cerca de 600 famílias de arrendatários. Lá há ali com inúmeras dificuldades, desde a falta de ferramentas, de água, de adubos e qualquer ajuda oficial até, como está ocorrendo agora, com os preços exorbitantes que...

rendimentos. Há pouco, decidiu o governo federal decretar um aumento de 500% nos preços que pagavam até então.

Diante de tantos problemas, decidiram os camponeses agrupar-se numa associação de classe, capaz de defender seus interesses. E em meados de fevereiro, uma grande assembleia decidiu a funda-

ção da Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas da zona de Açude Cedra.

AMPLA DISTRIBUIÇÃO DE ENXADAS

Contando com a presença de representantes da FALTAC (Federação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará), a assembleia assistiu ao ingresso de 109 arrendatários para a nova organização que se criava, em meio a uma grande festa.

Na mesma ocasião, foi feita a distribuição de 241 enxadas, obtida na Secretaria de Agricultura do Estado, pela diretoria da FALTAC. Foram contemplados assim cerca de duas centenas e meia de arrendatários e agricultores pobres, que, de outra forma, não poderiam possuir aquelas ferramentas.

Fato significativo e que foi devidamente compreendido pelos camponeses presentes foi o de que, pela primeira vez, recebiam qualquer benefício sem ficar obrigados a votar em tais ou quais candidatos e serem submetidos a qualquer exigência. Isso contribuiu para aumentar o prestígio da FALTAC e para inspirar confiança na Associação que se acabava de fundar.

Agora, desenvolve-se intensa luta contra o aumento de 500% nos preços de arrendamento e pela conquista de novas melhorias.



FALECEU GALO GONZALEZ

No dia 8 deste mês, faleceu em Santiago, capital do Chile, o camarada Galo Gonzalez, velho militante do movimento operário sul-americano e Secretário Geral do Partido Comunista do Chile. Galo Gonzalez contava 64 anos de idade, dos quais a maior parte foi dedicada às lutas do povo e da classe operária chilenos de quem era um fiel servidor.

RECONHECIDA UNIÃO DE LAVRADORES

Conquistaram os lavradores maranhenses uma significativa vitória com a aprovação da lei que reconheceu de utilidade pública a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Capinzal. Essa organização camponesa reúne cerca de 1.200 lavradores dos municípios de Pedreira e Codó, no interior do Estado.

Baseada em projeto apresentado na Assembleia Legislativa do Maranhão, foi a lei assinada pelo governador do Estado no dia 14 de janeiro último. Com isso foi atendida uma sentida reivindicação das massas camponesas daquela região, as quais poderiam contar, daí por diante, com apoio oficial do governo para atender às suas necessidades organizativas e responder melhor aos interesses de seus associados.

Eis aí um bom exemplo de ajuda concreta aos trabalhadores do campo, pois estas esbarram com inúmeras dificuldades em seu trabalho pelo reforçamento de sua unidade e organização.

Central do Brasil

(CONCLUSÃO DA 12ª PAG.)

Faz-se necessário compreender que não bastam os inquéritos e as indenizações, quando a população suburbana servida pela E.F.C.B. ou pela Leopoldina, tão justamente alarmada, reclama soluções definitivas para sua tranquilidade. Exige-se um plano de obras urgentes e de aparelhagem moderna e completa, capazes de garantir transporte rápido, seguro e confortável para cerca de 500 mil passageiros, sem seguro de vida, que passam diariamente pelas borboletas da E.F.C.B. e da Leopoldina e não a malta de espancadores profissionais pagos com o dinheiro do povo, prontos para fazer calar o primeiro protesto, que se erga contra os descabros da ferrovia responsável por mais uma fila para o povo carioca — a fila à porta do Necrotério de reconhecimento dos mortos nos desastres ferroviários.

Um Programa Nacionalista Para o G.E.I.A.

Inaugurou-se, em fins da semana passada, em São Paulo, a primeira fábrica de motores de automóveis a gasolina do Brasil. O sr. Juscelino Kubitschek pronunciou então um discurso em que definiu alguns princípios que norteiam a política do governo relacionada com a criação da indústria automobilística brasileira. O entusiasmo que desperta o novo passo dado pela indústria nacional, não nos impede de fazer algumas observações que não se coadunam com o tom exaltado do discurso presidencial.

Não é difícil avaliar a importância da fabricação de automóveis no Brasil. Basta citar um dado: entre 1946 e 1953 tivemos uma despesa anual média com as importações de produtos automobilísticos, de 142 milhões de dólares, despesa superior às relacionadas com a importação de trigo e petróleo. Libertar o país de um gasto tão grande de divisas será fundamental para o seu programa de desenvolvimento.

O ritmo de desenvolvimento da indústria brasileira de automóveis (100 mil unidades serão fabricadas em 1958, contra 6.087 fabricados em 1956) exige, urgentemente, uma avaliação exata da política seguida até agora pelo governo neste setor. Surge aqui uma questão: é nacionalista a orientação do GEIA (Grupo Executivo da Indústria Automobilística)? Ou então: ajudará a indústria automobilística, nas bases em que está sendo criada, a obra da libertação econômica do Brasil?

A falta de uma discussão mais ampla em torno do assunto impede-nos, no momento, de dar uma resposta definitiva à questão acima formulada. Mas os elementos de que dispomos não nos levam a concordar com a afirmação de JK de que "o governo fez tudo o que esteve a seu alcance" para o surto da indústria brasileira de automóveis. Pensamos que o realizado pelo governo não ajudou, ou pouco ajudou, a criar as premissas para uma indústria de automóveis verdadeiramente nacional. Não houve, por exemplo, um critério seletivo para os investimentos previstos (feitos de acordo com a escandalosa portaria 113) e em lugar de haver preferência para os capitais de financiamento, preponderaram as inversões diretas, que oneram a nossa balança de pagamentos com a remessa de lucros, "royalties" e outras formas de gasto de câmbio.

Outro fator negativo é o peso específico que terão os grandes monopólios norte-americanos na indústria brasileira de automóveis. De um total de cerca de 470 mil veículos que serão fabricados até 1961, a Ford e General Motors contribuirão com mais de 230 mil.

Parece-nos assim que na política governamental relacionada com o desenvolvimento da indústria automobilística não preponderaram os interesses nacionais. As forças nacionalistas necessitam introduzir modificações nessa orientação a fim de evitar que seja desfigurada, que perca o caráter nacional e progressista que deve ter um dos mais importantes ramos da indústria brasileira. Esta questão aumenta de importância, pelo fato de existir uma relação direta entre a indústria de automóveis e outros setores básicos da produção industrial.

A questão da indústria de automóveis é parte de uma questão mais geral — a questão do nosso desenvolvimento. As forças nacionalistas lutam para que esse desenvolvimento seja nacional e democrático, que assegure total independência política ao Brasil. Uma indústria automobilística desnacionalizada, sujeita aos monopólios americanos, pode comprometer seriamente o desenvolvimento econômico do país. As forças democráticas devem elaborar um programa nacionalista para o GEIA e lutar pela sua execução. Um programa que livre a nossa jovem indústria de automóveis do poder absorvente dos monopólios norte-americanos.

FUNDADA A CASA DA LAVOURA

No dia 20 de fevereiro último foi instalada na cidade de Cândido Mota (São Paulo), a Casa da Lavoura. O ato contou com a presença do Secretário da Agricultura e a ele compareceu grande número de pequenos lavradores, além de várias personalidades, entre as quais o presidente da Cooperativa local e o presidente da Câmara dos Vereadores.

Discursando na ocasião, o Secretário da Agricultura tentou fazer um elogio da política governamental em relação aos pequenos lavradores, mas foi frequentemente interrompido por vários dos presentes. O presidente da cooperativa falou da necessidade de se obter maquinária, a fim de facilitar o trabalho do camponês.

Uma questão que provocou acesos debates foi aquela referente à concessão de créditos baratos aos lavradores. Os pequenos lavradores presentes mostraram ao secretário as enormes dificuldades que enfrentam para conseguirem algum empréstimo — entre elas é preciso ter escritura definitiva ou comprovantes de pagamento da propriedade. Tentou o secretário convencer os lavradores que plantando milho híbrido colheriam por quilo 250 sacos de milho (quando o comum é o camponês, ali no local, colher 4 sacos). Falou muito em agromônios e assistência técnica — mas isso tudo só fez aumentar a descrença entre os lavradores, pois até agora, nenhuma ajuda concreta receberam do governo.

DOCTRINA DE AGRESSÃO E DE GUERRA

(Conclusão da pág. 8)

Das «concepções estratégicas» desta doutrina imperialista, o jornal sem nenhum rodeio declara que na prática ela conduziu a que os Estados Unidos se lançaram à guerra contra os pequenos países».

A imprensa americana não esconde que a «doutrina dos Róckfellers» está chamada a preencher aquelas «falhas e problemas» existentes na decantada «doutrina de Dulles — Eisenhower», anteriormente aprovada pelos círculos dirigentes dos Estados Unidos, porque esta se difunde somente nos países do Oriente Próximo. Já a «doutrina Róckfeller» tem como seu objetivo, escravizar com punhos de ferro, a todos os países e povos da Ásia, África e da América Latina numa rapace exploração e roubo, nos quais estão interessados os monopólios petrolíferos e outros dos Estados Unidos.

Assim, para que um punhado de imperiais realizem seus criminosos objetivos, os chefes do império petrolífero dos Róckfellers apelam para que se deixe completamente de lado as normas do direito internacional mundialmente conhecidas e se siga o caminho da agressão e da escravização colonial.

Assim, para que um punhado de imperiais realizem seus criminosos objetivos, os chefes do império petrolífero dos Estados Unidos querem manter o mundo em tensão, semear a desordem e a inimizade nas relações entre eles e forçar a corrida armamentista entre os povos e os Estados, provocar conflitos para que seja mais fácil aos círculos agressivos dos monopólios imperialistas realizar seus planos colonizadores.

Os reis do petróleo dos Estados Unidos, estão profundamente interessados na manutenção da tensão internacional, no desencadeamento da corrida armamentista e da «guerra fria». Suas incalculáveis riquezas foram conseguidas inteiramente à base das guerras, das desgraças e sofrimentos dos povos. Desde 1940 os lucros das companhias petrolíferas dos Estados Unidos procedentes de investimentos de capitais, cresceram em 12 vezes. Quasi 3/4 dos lucros gerais da maior companhia dos Róckfellers, a «Standard Oil of New Jersey», foram recebidos das inversões de capital no estrangeiro. A primeira guerra mundial deu aos Róckfellers 450 milhões de dólares de lucro líquido. A segunda guerra mundial lhes proporcionou 2 bilhões e 127 milhões de dólares de lucro. Como resultado da agressão armada provocada pelos imperialistas contra o povo egípcio em 1956, os Róckfellers colaram em seus cofres um bilhão de dólares

de lucros! E não é casual, precisamente agora, quando se desmoronam os alicérgos da política «das posições de força» e os povos estão plenamente decididos a liquidar a ameaça de uma nova guerra, que os Róckfellers sejam os primeiros a se lançarem com apelos abertos, na defesa da política de aventuras militares e de corrida armamentista tão simpática aos seus corações e a seus bolsos.

Sómente os homens cegos pela sede da riqueza, que não querem levar em conta a verdadeira realidade, as esperanças e os anseios de todos os povos amantes da paz, podem atualmente defender tais «doutrinas» de preparação para a guerra e a agressão.

Desmascarando as maquinções dos agressores imperialistas, o camarada N. S. Kruschov em seu discurso na nona sessão do Soviet Supremo da URSS em dezembro de 1957 dizia: «Os imperialistas possuem sua divisa — quanto pior para a causa da paz, tanto melhor para a causa do enriquecimento. O estado de intranquilidade e de alarme, o medo dos povos frente a uma possível guerra atômica, é precisamente aquela situação favorável através da qual os imperialistas se tornam mais fáceis realizar seus planos e arrecadar dos pagadores de impostos, o dinheiro para o armamento».

Os povos estão cheios até as orelhas da histeria guerreira, para eles se tornou insuportável a carga dos impostos, que recaem em primeiro lugar sobre os homens do trabalho...

Nós falamos aos representantes dos países ocidentais e, antes de tudo, aos Estados Unidos — atirai ao monturo da história vossa irracional e já bastante comprometida política das «posições de força». Ali há lugar para ela!».

A política agressiva dos círculos mais agressivos do imperialismo americano, que tentam a qualquer preço impedir o ulterior alívio da tensão nas relações internacionais, inevitavelmente se voltará contra seus iniciadores e realizadores. A «doutrina dos Róckfellers» é uma doutrina de agressão e de guerra, ela representa uma séria ameaça à causa da paz e da segurança dos povos. Os povos amantes da paz de todos os países devem elevar ainda mais sua vigilância, ainda mais atentamente seguir as maquinções dos imperialistas, unir mais estreitamente suas fileiras, lutar insistentemente pela liquidação da «guerra fria» e pela cessação da corrida armamentista, pelo fortalecimento da causa da paz.

Observador

Partindo de um satélite artificial da Terra à velocidade de 3.129 M| seg., poder-se-á efetuar um voo sem escala Terra-Lua-Terra em 10 dias e 11 minutos.
(Prof. de Astronáutica, A. STERNFELD)
LEIA: O VOO NO ESPAÇO CÔSMICO
EDITORIAL VITÓRIA LTDA.
Rua Juan Pablo Duarte, 50 — Sobrado: D. F.
(antiga Rua das Marréas) Tel.: 22-1613



Correspondência

Ato Entregista do Prefeito de Salvador

ENTREGUE A COMPANHIA DE ENERGIA ELÉTRICA DA BAHIA AS INSTALAÇÕES ELÉTRICAS PERTENCENTES A COMUNA — AMEAÇADO O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DA CAPITAL BAIANA PELA SU CURSAL DA BOND AND SHARE — UMA MEDIDA SE IMPÕE: IMEDIATA EMCAMPAÇÃO DA CEEB

(Do nosso correspondente em Salvador)

No último dia 31 de janeiro, o prefeito de Salvador, sr. Hélio Machado, e Mr. Donald Edwin Goodrich, diretor da Companhia de Energia Elétrica da Bahia, assinaram um Termo de Acôrdo pelo qual as instalações para fornecimento de energia elétrica existentes nos subúrbios da Capital Baiana e pertencentes à Comuna foram transferidas para a CEEB. O preço fixado foi de Cr\$ 10.430.738,00, ficando entretanto a Prefeitura com a obrigação de abrir crédito especial para pagamento das contas atrasadas à CEEB, contas que jamais sofreram qualquer espécie de fiscalização oficial.

MEDIDA ENTREGUISTA

De fato, entretanto, o que a CEEB (sucursal da Bond and Share na Bahia) comprou não foram apenas as instalações da Prefeitura, mas sim a concessão para fornecimento de energia nos subúrbios de Salvador, zona onde se planeja realizar intenso desenvolvimento industrial.

Eis como se conta a história. O contrato de 1929 entregava à CEEB a concessão do fornecimento de iluminação pública e particular e força para todo o município de Salvador. A empresa americana, entretanto, limitou-se à zona urbana, desistindo dos subúrbios, que não ofereciam perspectiva de lucros. Assim, a própria Prefeitura, em 1953, iniciou a construção de instala-

ções nos subúrbios, arcaando com os investimentos e os "deficits" iniciais, sendo a concessão obtida pela CEEB para os subúrbios, na prática, considerada caduca.

INVESTIDA DA CEEB

Com o passar dos anos, a situação modificou-se, o negócio que antes era deficitário tornou-se lucrativo, aumentou a população dos subúrbios de Salvador, surgiram novas indústrias, começou-se a tratar mais concretamente da instalação de uma "cidade industrial" justamente nesta zona. A CEEB voltou a se interessar e conseguiu, em 1954, a apresentação de um projeto na Câmara de Vereadores, transferindo-lhe a rede distribuidora construída pela Prefeitura, nesta base, revalidando a concessão. O então prefeito, engenheiro Aristóteles Góes, emitiu parecer contrário e o projeto foi derrotado.

Em fins de 1957 a CEEB tentou nova investida, já agora através de anteprojetos do próprio prefeito, sr. Hélio Machado. A questão, decisiva para o povo baiano, da luta nacionalista contra a CEEB, foi diversificada, colocando-se em primeiro plano as divergências eleitoreiras entre o prefeito Hélio Machado e o governador Antônio Balbino e, nesta base, a maioria da Câmara municipal cometeu o erro clamoroso de aprovar o anteprojetos, transformando-o na lei nº 824. O ato entreguis-

ta foi logo após consumado com a assinatura do referido Acôrdo entre a Prefeitura e a CEEB.

LUCROS FABULOSOS

A primeira consequência deste Acôrdo está em entregar as populações dos subúrbios à exploração da CEEB, que terá seus lucros fabulosos ainda mais aumentados. A exploração chega a um ponto tal que até os investimentos correm por conta dos consumidores, ou melhor, são cobrados em dobro. Os consumidores de Carrilhas, por exemplo, já foram intimados pela empresa norte-americana a pagarem a quota de Cr\$ 1.987,50, em prestações mensais, por conta dos investimentos para ampliação da rede distribuidora. E, além disso, terão que pagar os mesmos investimentos novamente através das tarifas, que incluem uma percentagem destinada à reposição dos capitais investidos.

POLÍTICA DE ESTRANGULAMENTO

A consequência mais séria, entretanto, consiste em que, com a assinatura do Acôrdo, fica anulada a política de estrangulamento da área de concessão da CEEB iniciada (com muitas vacilações, é verdade) pelo Governo do Estado, através da criação da COELBA. Trata-se de uma empresa de economia mista que deveria englobar os vá-

rios sistemas de eletrificação do Estado e, particularmente, garantir a distribuição da energia de Paulo Afonso independentemente da CEEB, cuja área de concessão ficaria limitada à zona urbana da Capital. Simultaneamente, o plano de desenvolvimento industrial na zona dos subúrbios aceleraria o processo de estrangulamento da sucursal da Bond and Share, preparando assim as condições para sua posterior encampação.

O problema dos subúrbios da Capital era, assim, decisivo. O Governo do Estado ainda fez uma última tentativa, antes da aprovação do projeto, baixando decreto em que autorizava o seu Departamento de Energia a realizar entendimentos com a Prefeitura para assumir a responsabilidade pela distribuição de energia nos subúrbios da Capital. De acôrdo com a lei, sempre que um serviço público fôr submetido a concorrência entre o Poder Público e uma empresa estrangeira, o Estado terá ganho de causa. O prefeito Hélio Machado, contudo, preferiu ignorar a lei, servindo assim aos interesses da CEEB.

ENCAMPAÇÃO IMEDIATA

Transformada a medida entreguista em fato consumado, uma conclusão se impõe: a política de estrangulamento da CEEB, já antes considerada muito demorada e de êxito duvidoso, tornou-se agora impossível, não havendo outro caminho senão o de encampação imediata da empresa que, segundo denúncia pública do sr. Antônio Balbino, sempre se constituiu num entrave ao desenvolvimento da economia baiana. A exigência de encampação da CEEB é antiga. Ela consta como um dos pontos principais do programa do Movimento Nacionalista Baiano. Os dirigentes sindicais, já por várias vezes se pronunciaram neste sentido. O sr. Antônio Balbino, quando ainda candidato, referiu-se concretamente, em entrevista à imprensa, como um dos pontos de seu programa de governo, à necessidade de "marchas decididamente para a encampação". O Centro das Indústrias da Bahia, em debates realizados em fins do ano passado à base de relatório apresentado pelo seu consultor jurídico, dr. José Vieira Nascimento, concluiu igualmente pela urgência da encampação como uma necessidade para o desenvolvimento industrial do Estado.

Assim, como uma reação inevitável ao ato entreguista do Prefeito de Salvador, já se esboça um amplo movimento, com a participação de todos os setores da população, visando pressionar o Governo do Estado no sentido da encampação da sucursal baiana da Bond and Share.

AO POVO BAIANO!

Recebemos: O Comitê Regional da Bahia do Partido Comunista do Brasil dirige-se aos seus militantes, simpatizantes e amigos, aos trabalhadores e ao povo da Bahia, visando esclarecer rumores sem fundamento que acriminamente têm surgido com certa insistência sobre a posição eleitoral dos comunistas.

Os comunistas baianos participarão ativamente da campanha eleitoral, dando o melhor de seus esforços para que sejam eleitos candidatos nacionalistas e democratas para os postos legislativos e executivos. Entretanto, até agora os comunistas baianos ainda não assumiram qualquer compromisso com outras forças políticas em torno de candidaturas ao Governo do Estado e à Prefeitura da Capital, considerando que ainda não há candidaturas oficiais, e mais que o esquema da campanha sucessória ainda não se definiu em toda a sua amplitude, pois numerosas forças políticas, inclusive de tendências nacionalistas e democráticas, ainda não definiram suas posições. Em tais condições, qualquer compromisso imediato seria precipitado. Mantendo-se numa posição de independência, os comunistas baianos procuram influenciar no sentido da formação de uma ampla coalizão em torno daquela candidatura que maiores compromissos apresente com as forças nacionalistas, progressistas e populares, visando a solução dos graves problemas do povo baiano, neste sentido realizando entendimentos com todas as correntes e partidos políticos e incentivando as massas trabalhadoras e populares a elaborarem, em amplo e livre debate, os programas de suas aspirações e reivindicações.

Fevereiro de 1958.

O CR. DA BAHIA DO PCB.

Livros e Revistas na Editorial Vitória Ltda.

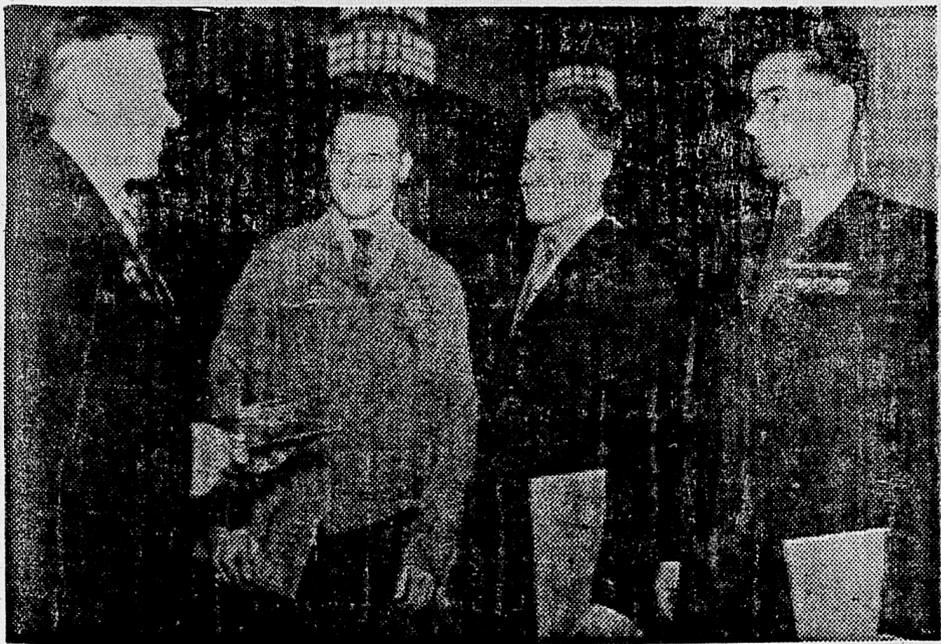
(Nosso Cartaz Para Hoje)

	Cr\$
1ª — China Sem Muralhas (JUREMA YARY FINAMOUR) ...	120,00
2ª — A China de Hoje — I e II vols. (OSNY DUARTE PEREIRA) (cada) ...	90,00
3ª — Ainda Sobre a Experiência Histórica (NOTA DO JIN-MIN-PAO) ...	20,00
PUBLICAÇÕES EM INGLÊS	
(LITERATURA)	
1ª — The Hurricane (CHOU LI-PO) ...	200,00
2ª — Village Sketches (CHIN CHAO-YANG) ...	50,00
3ª — A Thousand Miles of Lovely Land (YANG SHUO) ...	50,00
4ª — Socialist Upraise in China's Countryside (SELEÇÃO DE 44 ARTS.) ...	200,00
5ª — From Opium War to Liberation (ISRAEL EPSTEIN) ...	100,00
6ª — Handbook on People's China ...	100,00
(REVISTAS ILUSTRADAS EM INGLÊS)	
1ª — People's China (NÚMEROS DE 1956-57) ...	15,00
2ª — Women of China (NÚMEROS DE 1956-57) ...	15,00
3ª — China Reconstructs (NÚMEROS DE 1956-57) ...	15,00
4ª — China Pictorial (NÚMEROS DE 1956) ...	25,00
REVISTAS ILUSTRADAS EM CASTELHANO	
1ª — China Ilustrada (NÚMEROS DE 1956-57) ...	20,00
2ª — Cartões Postais (A 25,00 cada) ...	25,00
3ª — Revistas U.R.S.S. (NÚMEROS DE 1956-57) ...	5,00

EDITORIAL VITÓRIA LTDA (Rua Juan Pablo Duarte, 50 — Sobrado)

(Atende-se pelo Recômbio) Tel. 22-1613

CAMPEÕES DE SALTO EM PARAQUEDAS



Os campeões soviéticos e mundiais em paraquedas e esportes aeronáuticos foram agraciados com medalhas de ouro e diplomas, numa cerimônia realizada na Sala das Reuniões da Universidade do Estado Lomonosov, em Moscou.

Vemos no clichê (da esquerda para a direita), os mestres de esportes detentores de recordes mundiais E. A. Lebedev, A. A. Krutov, F. P. Neimark e N. M. Davitshenko, a quem foram conferidas medalhas de ouro, por saltos de paraquedas em grupo, de uma altura de mil metros, com um desvio médio de 4,95 metros.

CENTRAL DO BRASIL;

UMA DAS MAIORES CALAMIDADES DO DISTRITO FEDERAL

O pavoroso desastre de trem da Central do Brasil, ocorrido na última sexta-feira, dia 7 de corrente, debaixo de intenso temporal e na hora em que começavam a se movimentar de regresso aos seus lares, milhares de trabalhadores cariocas, foi como o coroamento de uma situação que não mais admite alongas para ser solucionada. Mais de uma centena, entre mortos e feridos, é o saldo da catástrofe que a Central do Brasil pretende liquidar, pagando as despesas dos enterros e uma modestíssima indenização às famílias das vítimas. Mas não basta, dizem em coro, as centenas de milhares de passageiros que viajam em trens superlotadíssimos, sem ventilação, e sem horário, que a ciência e a técnica da engenharia ferroviária não conseguem estabelecer para manter.

Aliás, a cidade maravilhosa dos sambas e canções, vive dentro de um ciclo de calamidades apavorantes. Na época do verão mais brabo, com o termômetro marcando 40°, delira-se de sede. Falta água pra tudo, até pra preparar os alimentos pra higiene mais elemental. Não há casas pro povo morar, nem leite para alimentar as nossas crianças. Morre-se nas ruas por falta de leite nos hospitais e dezenas de milhares de meninos e meninas em idade escolar, privam-se de instrução por falta de escolas. O pão vai faltar pra ser mais caro, assim como mais caro será, em breve, os transportes e o leite.

Um povo atormentado por um milhão de dificuldades, não sabe pra onde se virar. Escorraçado dos grandes centros da capital da República, procura um canto nos subúrbios ou nas favelas, onde se meter com a mulher, os filhos e os seus cacarecos. Amontoa-se nas casas de cômodos, nos cochicholos e nos barracos, como amontoado andados, nos trens, nos ônibus e lotações.

E eis aí o povo faminto, analfabeto e desabrigado, pagando tudo muito caro — exclusão do ar que respira. Impostos e taxas, selos e estampilhas de todos os tipos, preços e preços, justificam a voracidade dos alquimistas do tesouro para desespero do contribuinte cada vez mais escorchado. Toda essa gama de impostos e taxas, selos e estampilhas, canaliza para os cofres públicos, bilhões de cruzeiros com que se custeiam as despesas da República — com exceção de nenhuma — desde as do Sr. Presidente, até as do mais modesto atendente das repartições do Estado, bilhões que dão pros câmbios e automóveis, pros móveis e decorações, pras esquadras e exércitos, pras aviões e munições, e até pra música e pros banquetes.

Mas de tudo isso, calamida-

des, aquela que mais rouba a vida dos nossos jovens trabalhadores, que esmaga de uma vez como uma avalanche dezenas de homens, mulheres e crianças, como em Nova Iguaçu e Pádua, aquela que clama por um fim imediato, é a E.F.C.B.

Apesar das composições novas e do muito alarde que se fez em torno delas, os atrasos e os desastres continuam. Por que será? Carros novos, que custaram bilhões, carros de presidiários com bancos laterais, colunas centrais e "rabichos de cavalos" para conter gente não andas certos nos percursos e nos horários. Mas de que valem carros novos e composições rápidas, se no horário mais apertado, da manhã e da tarde, também correm composições descompostas pelo excesso de uso, que saltam dos trilhos ao menor solavanco, queimam fusíveis a qualquer mudança de corrente e enguçam no meio do percurso? E pra justificar os gastos com os novos carros, dobram os preços e já não bastam mais os dois cruzeiros dos trens comuns ou os sete cruzeiros dos "Marta Rocha". Fala-se até que a E. F. C. B. não conseguirá suportar os prejuízos. É preciso mais dinheiro para satisfazer as necessidades de lucro.

Sempre que as circunstâncias se apresentam, encontra-se a explicação ou justificativa para os desastres e atrasos permanentes dos trens. O diabo é que o povo não lhes dá mais crédito pelo muito que vê e pedace ele mesmo diariamente. É certo. Não há explicação ou justificativa para as muitas e muitas horas de espera nas plataformas das estações ferroviárias, onde milhares de passageiros espicham o pescoço e o olhar, em busca do trem que não chega para a viagem que ninguém sabe o fim que vai ter. Vem depois a longa viagem, interrompida a cada passo, e pelas estações intermediárias vai ficando a massa humana exausta, insatisfeita e revoltada.

Defrontamo-nos agora com o capítulo das responsabilida-

des. Em primeiro plano, cabem responsabilidades à direção da Rede Ferroviária Federal S. A. e à direção da E. F. C. B. Por que, logo de saída, jogou a culpa sobre o desventurado maquinista, que sucumbiu com a sua composição? Em que condições funcionavam o telégrafo e os sinais naquela trêcho da nossa ferrovia central no dia do desastre? Em que condições dirigia ele o seu trem? Segundo é público, em virtude do temporal que desabava sobre a cidade, não funcionavam satisfatoriamente o telégrafo e a sinalização. Não só nesse dia as condições de trabalho eram duras para os nossos ferroviários. Constantemente, horários dobrados, ao sol ou à chuva, na seca ou nos trens, os atrasos constantes, a própria natureza dos serviços e a falta de conforto inconcebível, esgotam-nos, tornando-os incapazes de fazer um esforço maior e mais demorado.

Não! Eles não podem sózinhos arcar com as tremendas responsabilidades consequentes da destruição de vidas e material, por mais responsáveis que sejam.

E por fim chegamos a etapa das indenizações às famílias dos que foram esmagados pela catástrofe e tiveram braços e pernas; cabeças e vice-versa espalhados por toda a parte.

Promete a E.F.C.B. indenizar suas vítimas e convida as famílias interessadas para uma estimativa de valores. Quanto vale a vida do jovem soldado da Aeronáutica? E a da doméstica Dona Aurora? E a do jovem operário arrimo de mãe? E as dos barnabés da Prefeitura sacrificados antes da reclassificação e dos adicionais? Quanto vale a vida de todos aqueles que pereceram no desastre? Não há dinheiro que pague a viuvez e a orfandade, mas esse mesmo dinheiro preocupa a direção da E.F.C.B. por constituir — veja-se bem a confissão — uma sangria nos cofres da autarquia.

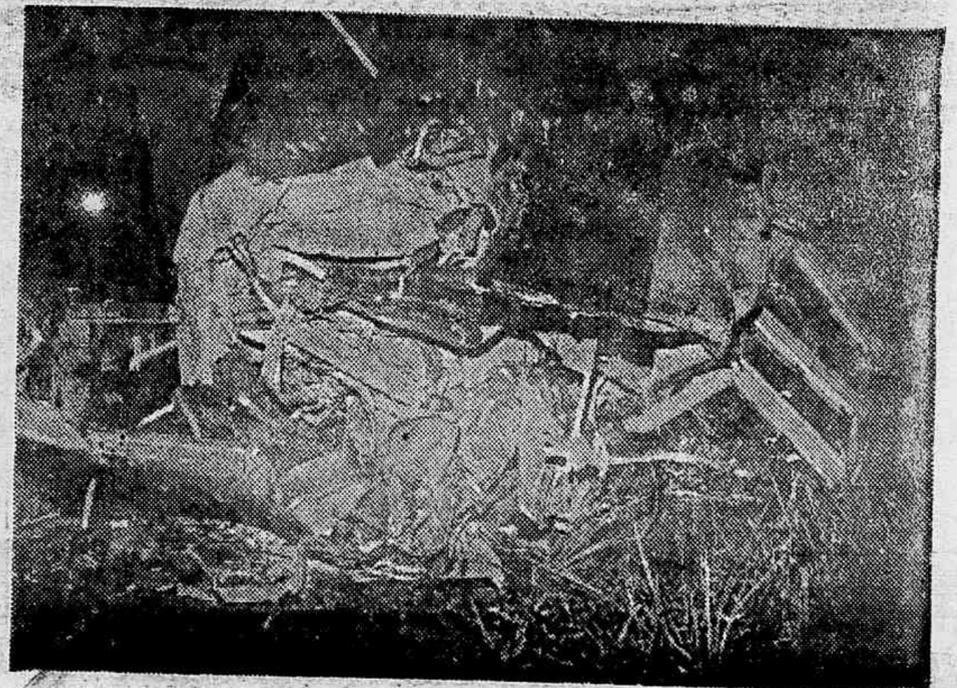
(CONCLUI NA 10ª PÁGINA)



Os que não sucumbiram na catástrofe, muitos dos quais mutilados, pensam como enfrentar a vida que já era difícil, quando saírem dos hospitais.



Por mais esse crime, a responsabilidade cabe à EFCB, mas como sempre, seus diretores procuram um bode expiatório... e os crimes continuam.



Um monte de ferros retorcidos, corpos dilacerados, viuvez e orfandade é o balanço trágico do desastre da Central do Brasil logo bem antes da madrugada carioca.